



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES
Curso de Psicologia

JANAINA COSTA BARROS DA SILVA

**REPETIÇÃO, INCONSCIENTE E MEMÓRIA:
REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O CAMPO DO AMOR**

Brasília

2020

JANAINA COSTA BARROS DA SILVA

**REPETIÇÃO, INCONSCIENTE E MEMÓRIA:
REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O CAMPO DO AMOR**

Monografia apresentada ao Centro
Universitário de Brasília como requisito
básico para a obtenção do grau de
psicólogo.

Professor Orientador:
Dr. Juliano Moreira Lagoas.

Brasília

2020

JANAINA COSTA BARROS DA SILVA

**REPETIÇÃO, INCONSCIENTE E MEMÓRIA:
REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O CAMPO DO AMOR**

Banca Examinadora

Prof. Dr. Juliano Lagoas (Orientador) - UniCEUB

Profa. Ma. Morgana de Almeida Queiroz - UniCEUB

Profa. Ma. Livia Campos e Silva - UniCEUB

**A meus filhos, pela presença nos
momentos de conquistas e de
angústias.**

AGRADECIMENTO(S)

Ao Juliano Lagoas, por toda paciência em suas orientações, e principalmente por entender os meus limites e ainda assim me apoiar.

À Morgana Queiroz e Lívia Campos, por aceitarem participar da banca de defesa, pela seriedade na leitura e indicações indispensáveis para meu crescimento.

A todos os colegas e amigos da psicologia que de alguma forma me incentivaram e dividiram comigo tantos momentos bons e alguns difíceis durante esses cinco anos. Em especial à Mayara, Ricardo, Luize, Matheus e Mylena pelo apoio e amizade fundamentais para eu chegar até aqui.

A meus amigos e professores do estágio, pois passamos por tantos desafios, e ainda assim nós conseguimos. Vocês foram fundamentais para eu atravessar este momento tão difícil. Em especial à Fran, Guilherme, Manuela, Fabiana, Jeanne, Ana Carolina, Isadora, Clara, Mércia e Dannya.

A Dra. Janete Krissak, pela oportunidade na Clínica do Renascer, e por me ajudar com o processo do estágio. Sem a sua ajuda a minha conquista não seria possível neste momento de pandemia.

Aos meus amigos da Clínica do Renascer, em especial para a Verônica e para o Matheus por suportarem minhas queixas.

À Juliana Tavares, pela escuta e incentivo.

Aos meus pais, pelo que somos juntos e pelo amor que temos.

Ao Icaro e Yasmin, por compreenderem minhas ausências.

Ao Windson, por estar ao meu lado, e por suas impossibilidades.

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.

Fernando Teixeira de Andrade

RESUMO

Este trabalho procura compreender a relação entre a repetição e as escolhas amorosas. Parte da concepção de amor trazida pela mitologia grega passa pelas transformações que essa concepção sofreu no Ocidente, para se chegar ao tema do amor norteado pela teoria de Sigmund Freud. Neste caminho, aborda a liberdade e o fenômeno da repetição como via para as escolhas amorosas. O principal objetivo desta pesquisa é investigar a questão da liberdade no campo do amor. Para tanto, evidencia-se, a partir do conceito psicanalítico de repetição, as possíveis articulações entre o novo e o antigo no processo de constituição das escolhas amorosas do sujeito. A metodologia utilizada nessa pesquisa foi a análise do discurso cujos pressupostos teóricos foram propostos por Michel Pêcheux. Em relação ao material utilizado, foi feita a análise do filme “Brilho eterno de uma mente sem lembrança” (GONDRY, 2004). Podemos observar como o conceito de repetição, juntamente com o de memória, estão relacionados com os clichês, o recalçamento e com o inquietante (*Unheimlich*), e apontar que esses fenômenos desempenham papel fundamental no processo de constituição das escolhas amorosas.

Palavras-chave: Amor. Liberdade. Repetição. Psicanálise.

ABSTRACT

This paper seeks to understand the relationship between repetition and love choices. We start from the Greek mythology's conception of love and its Western transformations to reach the theme of love according to Sigmund Freud's theory. In this way, we address the topic of freedom and the phenomenon of repetition as a way for love choices. The main purpose of this research is to address the issue of freedom in the field of love. To do so, we start from the psychoanalytical concept of repetition to highlight the possible relations between the new and the old in the process of constitution of a subject's love choices. We used the methodology of analysis of discourse whose theoretical assumptions were proposed by Michel Pêcheux. We analyse our material, the movie *Eternal Sunshine of the Spotless Mind* (GONDRY 2004). The observation of how the concept of repetition and the concept of memory are altogether linked to the clichés, the repression and to the worrying (*Unheimlich*) allows us also to state that these phenomena play a fundamental role in the process of constitution of love choices.

Key words: Love. Freedom. Repetition. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 1 O AMOR E A LIBERDADE NO OCIDENTE..... | 16 |
| 1.1 O mito e o amor | 16 |
| 1.2 Breve história do amor no ocidente | 17 |
| 1.3 Freud e as condições do amor: sobre o objeto proibido e a depreciação | 20 |
| 1.4 Liberdade: da Grécia antiga à modernidade | 25 |
| 1.5 Liberdade, escolha e psicanálise | 27 |
| 2 A REPETIÇÃO EM FREUD E LACAN | 30 |
| 2.1 A repetição e a clínica psicanalítica..... | 30 |
| 2.2 Recordar, repetir e elaborar | 33 |
| 2.3 O jogo do fort-da..... | 37 |
| 2.4 A repetição e o princípio do prazer..... | 39 |
| 2.5 Tiquê e Autômaton..... | 42 |
| 3 MÉTODO..... | 44 |
| 3.1 Os Procedimentos de Construção do Material..... | 46 |
| 3.2 Os Procedimentos de Análise do Material | 47 |
| 4 ANÁLISE DO FILME “BRILHO ETERNO DE UMA MENTE SEM LEMBRANÇA” | 48 |
| 4.1 Memória e os clichês..... | 49 |
| 4.2 Memória e Unheimlich..... | 50 |
| 4.3 A relação intrínseca entre o funcionamento da memória e as estratégias narrativas do filme | 51 |
| 4.4 Memória e alteridade..... | 52 |
| 4.5 Memória e recalçamento..... | 53 |
| CONCLUSÃO..... | 56 |
| REFERÊNCIAS..... | 59 |

INTRODUÇÃO

O amor é um fenômeno permeado na cultura, e uma de suas dimensões fundamentais concerne à questão da escolha, que no mundo moderno se organiza em torno do problema da liberdade. O modo como as escolhas amorosas se relacionam com a história de vida do sujeito é um assunto que ocupa um lugar de destaque quando se pretende compreender o impacto da repetição - conceito nuclear da teoria psicanalítica - em tais escolhas.

Com grande influência para a história da humanidade, e comportando diversas concepções formuladas ao longo do tempo, o mito foi caracterizado por Brandão (1986, p.36) como uma “representação coletiva” que contém uma explicação do mundo e que é propagada por meio de várias gerações. Na psicanálise, a mitologia grega assumiu um importante papel, uma vez que serviu de modelo para Freud construir alguns de seus conceitos mais importantes (complexo de Édipo, Narcisismo, pulsão de vida, pulsão de morte, etc.). Diante de tal relevância, a mitologia grega pode ser considerada como uma das fontes mais primitivas das quais se pode tentar extrair as primeiras construções acerca do amor.

O mito de Eros foi, sem dúvida, uma das primeiras construções mitológicas com o objetivo de tentar caracterizar e conceituar o amor. Para tanto, diversas vertentes mitológicas trouxeram algumas definições para o deus do amor. É importante destacar que, desde a narrativa apresentada por Hesíodo, é possível apreender que, nas primeiras proposições, Eros é tratado como um deus poderoso e fundamental (BRAZ, 2005). Em uma das versões mais conhecidas de Eros, no clássico mito de Psique, o amor aparece como um sentimento que, a despeito de todas as dificuldades, tudo suporta.

Nas culturas ocidentais, quando se observa a trajetória do amor, percebe-se diferentes configurações produzidas desde a Grécia Antiga até a modernidade (séc. XVII-XIX). O amor, como se vivencia hoje, surgiu na era burguesa, quando o sexo, com fins de obtenção de prazer, se tornou algo relevante dentro do casamento. Paixão e escolha não tinham importância no momento de decisão da união dos

casais, pois, em geral, o amor era experienciado apenas nas relações extraconjugais (ARAÚJO, 2002).

Segundo Pretto, Maheirie e Toneli (2009, p. 396), na concepção encontrada em *O Banquete* de Platão, “primeiro tratado filosófico sobre o amor”, este aparece como algo bom, belo e verdadeiro, que transcende a existência humana e adquire um caráter inato e sagrado. Rodrigues (2014) percebe, na referida obra de Platão, no interior dos diálogos, o amor como aspiração ao mundo das ideias, a impulsionar a alma em direção a sua condição original.

No cristianismo, o amor é idealizado como um fim em si mesmo e se manifesta sob o fundo das exigências de renúncia aos prazeres da carne. O corpo deve ser negligenciado em prol da busca pela salvação. O amor cristão é submetido aos preceitos da fé, estando ligado a Deus e pretendendo garantir aos sujeitos a salvação, bem como um lugar no paraíso. Esse sentimento foi incorporado como alicerce moral, considerado e apregoadado como incondicionado (PRETTO; MAHEIRIE; TONELI, 2009). Nesse período, o casamento foi fixado pela igreja como o mais adequado ato para a construção da família, em que o essencial seria a procriação dos filhos de Deus (ARAÚJO, 2002).

No século XII, o amor cortês aparece como recusa às normas e padrões impostos pela Igreja e pela sociedade. Tal conceito surge para enfatizar, de um lado, o amor-paixão como sofrimento e desejo insatisfeito, no qual a felicidade consiste exatamente na aceitação da própria renúncia carnal e, de outro, a visão da “dama” como objeto do amor inatingível (PRETTO; MAHEIRIE; TONELI, 2009, p. 396).

O amor romântico surge no final do século XVIII com várias características dos tipos de amor relatados até aqui, embora tenha se tornado distinto deles. Nesse contexto, o amor ganha mais destaque para a vida do sujeito e passa a ser considerado a justificativa de sua existência. O amor possuía, como alguns dos seus preceitos básicos, o caráter universal, ou seja, um pré-requisito para a autorrealização pessoal, e o caráter natural, característica de ser um sentimento sem o qual não existiria felicidade (PRETTO; MAHEIRIE; TONELI, 2009).

De acordo com Giddens (1993, p. 50), o amor romântico introduziu a ideia de “uma narrativa para uma vida individual”. As narrativas deixaram de estar associadas aos processos sociais e passaram a ser individualizadas; nelas estavam inseridas apenas “o eu e o outro”. Pela primeira vez o amor foi vinculado à liberdade, sendo ambos “estados normativamente desejáveis”, destacando-se que os ideais do amor romântico estariam diretamente ligados à relação entre a liberdade e a autorrealização. Tais ideais puderam ser explicitados com a chegada da modernidade, que é caracterizada, entre outras coisas, pela valorização da autonomia e pela ascendência da razão, tendo as regras injustificadas do dogma sido substituídas pela compreensão racional dos processos sociais.

Porém, vale a pena destacar que a noção de liberdade sofreu transformações significativas no período entre a Grécia antiga e a modernidade. No primeiro caso, é a cidade que é livre, ou seja, a liberdade era a condição de autonomia política das cidades gregas. Além disso, eram considerados livres apenas os cidadãos (RENAUT, 1998). Nesse contexto, nem todos eram reconhecidos cidadãos, de modo que nem todos possuíam o direito à chamada liberdade. Isto posto, não era qualquer pessoa que podia emitir e ouvir opiniões sobre assuntos relacionados à cidade para discutí-los e decidir sobre eles.

Na Grécia antiga, para exercer o seu papel como cidadão, o homem se baseava em uma organização em que prevalecia uma hierarquia, na qual a sua posição social era delimitada pelo seu lugar de nascimento, e, nesse esquema, ser livre era apropriar-se desse lugar que lhe foi designado (RENAUT, 1998). Dessa forma, entre os antigos, ser livre era “uma qualidade e não se vincula ao valor do agir” (GAZOLLA, 1999, p.92), era ter em si determinadas características que permitem reconhecer o indivíduo como inserido a um determinado grupo. E, estando em seu lugar de pertencimento, “o homem livre grego está submetido às regras comunitárias sem estar aberto à escolha” (GAZOLLA, 1999, p. 93).

Nesse sentido, além de ser uma dimensão muito mais restrita devido sua base em uma hierarquia, a liberdade grega estava atrelada a uma tradição que de impunha ao indivíduo, de tal modo que ele agia não de acordo com a sua reflexão interna ou sua própria vontade, mas sim porque já existia uma lei exterior pré-estabelecida. Isso significa dizer que a liberdade grega não foi concebida “sobre o modelo da

autodeterminação”, no qual o sujeito é livre para decidir por si mesmo, e sim “no registro de *heteronomia* (em que é a exterioridade que dita a lei)” (RENAUT, 1998, p. 13).

Nessa perspectiva, a modernidade fica caracterizada por conceber e reconhecer o ser humano “como fonte de suas representações e de seus atos, seu fundamento (*subjectum*, sujeito) ou, ainda, seu autor” (RENAUT, 1998, p. 10). Assim, com a história da modernidade, é fácil identificar uma mudança de paradigma. O homem, nesse período, ficou marcado por ser seu próprio legislador, ele mesmo funda suas leis. Por isso, o direito natural moderno é um direito “subjetivo”, criado e definido a partir da própria razão e vontade humana, e não mais proveniente da natureza.

No contexto da discussão sobre liberdade e escolha, a psicanálise surgirá como uma teoria que procura trazer elementos para compreender melhor essa relação. A liberdade de que se trata no mundo moderno é a liberdade racional, portanto, a liberdade de reprimir os instintos. O que a psicanálise vai mostrar é que quanto mais esses instintos são reprimidos, mais eles se repetem, manifestando-se das formas mais disruptivas, e comprometendo, assim, nossa ilusão de autonomia.

O fenômeno da repetição está presente na história do sujeito¹, e, conseqüentemente, tornou-se fundamental para a psicanálise, podendo servir de base para a análise das articulações entre os vários processos existentes na constituição das escolhas amorosas. Ele é abordado ao longo de toda a teoria freudiana, trabalhado, sobretudo nos “artigos sobre a técnica” – especialmente em *Recordar, repetir e elaborar* (1914) – e em *Além do princípio de prazer* (1920). Em articulação com o texto de 1914, *A dinâmica da transferência* (1912) e *Observações sobre o amor de transferência* (1915) abordam a ligação da repetição e da transferência com a resistência e com o amor.

¹ Cabe esclarecer que o sujeito de que se trata é o que se opera em psicanálise, ou seja, o sujeito do inconsciente. Esse sujeito, com a descoberta da concepção freudiana de inconsciente, se torna clivado em duas formas de funcionamento do psiquismo, a consciente e a inconsciente (TOREZAN; AGUIAR, 2011). A proposta de Freud sobre o inconsciente é caracterizá-lo como uma instância psíquica com uma particular maneira de funcionar, com leis distintas daquelas da consciência. Como pontua Elia (2010), o sujeito do inconsciente não pode nem ser considerado um conceito nos sentidos filosóficos e científico.

No texto *Recordar, repetir e elaborar*, de 1914, a preocupação de Freud é a de levar a discussão para além do paradigma do recalque e do inconsciente. À parte as representações recalçadas e seus retornos, há um outro tipo de conteúdo, que nem chegou a ser recalçado, pois nunca foi consciente, e que está ligada à compulsão à repetição, posteriormente investida teoricamente sob a forma da noção de pulsão de morte.

Neste texto de 1914, o autor alega que o paciente em tratamento apresenta uma compulsão à repetição, pois o analisando repete, sem se dar conta de que está repetindo, ou seja, ele não se recorda do que foi esquecido, mas atua sem saber que está repetindo (Freud, 1914/2010, p. 199). Para Freud (1914/2010), esse material deve ser trabalhado com o paciente, por meio do manejo da transferência, para que ele possa elaborá-lo.

No entanto, no texto *Além do princípio do prazer* (1920), Freud, além de instituir o conceito de pulsão de morte, dá uma virada na sua teoria, e o fenômeno da repetição passa a aparecer como força pulsional, sendo considerada uma compulsão à repetição.

Freud inicia a obra colocando em dúvida o princípio do prazer. Ao analisar os sonhos traumáticos e a brincadeira do “*Fort-da*”, constata que mesmo as situações que não causam prazer, ou seja, aquelas que causam desprazer são repetidas insistentemente. O que contraria a primazia do princípio do prazer no funcionamento psíquico. Assim, ele supõe que o sujeito repete inconscientemente o que lhe causa dor e sofrimento pois existe algo mais primitivo e que não depende do princípio do prazer (FREUD, 1920/2010).

A repetição também foi tratada por Lacan em vários momentos de sua elaboração teórica. Porém foi no Seminário 11 *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, de 1964, que sua teoria foi consolidada, ao usar os termos *Tiquê* e *Autômaton* para indicar os dois diferentes movimentos da repetição.

Lacan, no *Seminário 11*, retoma a questão da repetição na clínica e na teoria freudiana. Para isso, o autor recorre à noção de causa acidental, apresentada por Aristóteles, apropriando-se dos termos “*Tiquê* e *Autômaton*”. O *Autômaton*, entendido

como “insistência da cadeia significante” (LACAN, 1964/2008, p. 59), situa-se no registro do simbólico. Já a *Tiquê* é denominada de “encontro do real”, não passa pela cadeia significante, é uma repetição traduzida como um encontro faltoso:

A função da *Tiquê*, do real como encontro – o encontro enquanto que podendo faltar, enquanto que essencialmente é encontro faltoso – se apresenta primeiro, na história da psicanálise, de uma forma que, só por si, já é suficiente para despertar nossa atenção – a do traumatismo (LACAN, 1964/2008, p. 59).

Para Lacan, por trás do *Autômaton*, há a *Tiquê* e a ideia segundo a qual não há repetição do mesmo. Na análise do autor, é somente em aparência que a repetição se manifesta sob as figuras da identidade e da reprodução; na verdade, ela sempre se produz algo de novo. Segundo Nasio (2014, p.26) “a repetição é o percurso de um objeto identificável que aparece, desaparece e reaparece cada vez de forma ligeiramente diferente, em momentos e contextos variáveis”.

Levando-se em conta as reflexões apresentadas até aqui, parece-nos pertinente levantar as seguintes questões: de que maneira o novo e o antigo se articulam na constituição das escolhas amorosas do sujeito? Em que sentido é possível pensarmos o problema da liberdade – e mais especificamente das escolhas amorosas – no contexto do fenômeno da repetição?

O objetivo desta pesquisa é investigar a questão da liberdade no campo do amor, procurando evidenciar, a partir do conceito psicanalítico de repetição, as possíveis articulações entre o novo e o antigo no processo de constituição das escolhas amorosas do sujeito e das experiências amorosas.

Nesse sentido, o trabalho se estruturou a partir dos seguintes objetivos específicos: (i) discutir o lugar do amor na história e cultura ocidentais, especialmente no que diz respeito à sua função subjetivante; (ii) investigar a concepção freudiana de amor, evidenciando suas articulações metapsicológicas e clínicas; (iii) situar a liberdade como uma dimensão fundamental para as sociedades modernas e apontar algumas de suas antinomias e ambivalências; (iv) investigar as estruturas fundamentais do conceito de repetição, procurando verificar o estatuto deste conceito para a psicanálise, articulando-o com o conceito de pulsão de morte.

O interesse em desenvolver esta pesquisa surgiu a partir da realização das disciplinas de Estágio Básico II e Produção de Artigo, cuja temática dos trabalhos abordou a questão da repetição e os desdobramentos nas escolhas amorosas. Além disso, a pesquisa vai ao encontro de um dos temas inseridos no Projeto guarda-chuva apresentado ao Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, intitulado “Psicanálise, Epistemologia e Políticas do Sofrimento Psíquico” (LAGOAS, 2017), coordenado pelo professor orientador deste trabalho, e que tem, dentre os objetivos, o aprofundamento nos principais conceitos da teoria psicanalítica, com destaque à função que tais conceitos exercem no desenvolvimento das justificativas psicanalíticas relacionadas aos processos dinâmico e econômico da constituição subjetiva e do sofrimento psíquico.

Optamos, também, pesquisar como as escolhas amorosas se articulam com a repetição por considerar a importância dos dois temas - amor e repetição - uma vez que ambos se fazem, com frequência, presentes tanto na clínica quanto na teoria psicanalítica. Para Ravanello e Martinez (2013, p. 160), o tema do amor apresenta uma grande relevância para a psicanálise, pois “abarca as tramas subjetivas, epistemológicas e conceituais que estão envolvidas em toda a construção teórica” que Freud e Lacan realizaram, na tentativa de “dar conta do que vem a ser o sujeito”. Almeida e Atallah (2008, p. 2), afirmam que “a problemática” trazida pelo conceito de repetição faz refletir acerca “de sua natureza e de sua relação com os fenômenos observáveis na prática clínica”.

Nesta pesquisa procuramos trazer contribuições ao saber psicológico sobre temáticas que pouco tem se estudado de maneira articulada. Estuda-se muito o amor, a liberdade, a repetição, porém, na maioria das vezes, de forma individualizada (GIDDENS, 1993; GAZOLLA, 1999; FREUD, 1915). Contudo, na prática, estes temas estão, normalmente, entrelaçados. Cada vez mais os indivíduos procuram auxílio em clínicas psicológicas para tentarem solucionar seus sofrimentos amorosos. Os discursos recorrentes que os sujeitos trazem são marcados pela insatisfação com o outro amado, e, como consequência, a destruição da ideologia romântica de promessa de felicidade pelas vias do amor. E, mais uma vez, o indivíduo, na ânsia de se curar de uma dor de amor, se lança em outro amor.

1 O AMOR E A LIBERDADE NO OCIDENTE

1.1 O mito e o amor

Como dizíamos na abertura deste trabalho, é inegável a enorme influência dos mitos na história da humanidade. De acordo com Brandão (1986), o mito se mostra como um sistema de ideias e narrativas que, de maneira relativamente lógica, tenta explicar o mundo e o homem. Diante da importância dos mitos, a psicologia também utilizou-se deles para elucidar os “diferentes caminhos simbólicos concebidos para explicar o desenvolvimento do homem e a formação da psique individual e coletiva” (BRAZ, 2005, p. 64). Para a psicanálise, a mitologia pode ser considerada como uma espécie de “arquivo”, de onde se pode extrair modelos que estruturam teorias, “sustentem imagisticamente hipóteses” (ÁVILA, 2001, p. 9), possibilitem articulações com os fenômenos clínicos e “garantam constructos para a investigação metapsicológica” (p. 9).

Para começarmos a falar sobre o amor, iniciaremos com o que a mitologia grega traz sobre este fenômeno, visto que é nela que encontramos uma das construções iniciais acerca do significado do amor por meio das diversas representações do mito de Eros, denominado um dos deuses do amor. Segundo Hesíodo (1987 apud BRAZ, 2005), no mito da origem do universo, Eros desperta e é responsável pela união amorosa entre todos os seres.

De acordo com Braz (2005, p.65), Eros “é a força cósmica da fecundação e multiplicação, que inspira simpatia entre os seres para que se unam”. Assim, não há ser que possa se opor a ele. Vale ressaltar que esta é apenas uma das explicações sobre a origem de Eros, visto que esse mito recebeu várias traduções ao longo dos tempos – a versão Orfínica (séc. VII a.C.), a de Parmênides de Eléia (séc. VI), a da genealogia de Empédocles (aproximadamente de 420 a.C.) *etc.* O que se pode notar, conforme Braz (2005), é que, em todas as interpretações citadas, Eros é considerado um deus poderoso e fundamental.

Muitas versões foram surgindo para compor a origem e desenvolvimento de Eros. Porém, segundo Brandão (1986), surgiram cosmogonias que não buscaram fortalecer a sua imagem de poderoso e essencial. No período romano, Eros passa a ser visto como um deus de categoria inferior, que estava entre os humanos e as

divindades, unindo-os, e, por isso, era depreciado. Na versão de Eurípedes, Eros aparece com duplo caráter: ora é uma força “perniciosa”, que provoca a destruição dos homens, ora é visto como poder que leva a virtude e a salvação aos homens. No período Alexandrino, ele é destituído da sua posição de deus primordial e passa a ser considerado como uma força ou uma energia que remete a um estado de não satisfação e inquietude no ser humano (BRAZ, 2005).

A versão de Eros mais popular, na civilização ocidental, relata que ele é filho de Afrodite (deusa do amor e da beleza) e de Hermes. Nessa interpretação, Eros ficou conhecido como aquele que acompanhava e auxiliava sua mãe, com o propósito de realizar todas as suas vontades. Desse modo, ele é descrito como um ser sem vontade própria, que servia como mediador da diversão de sua mãe, sendo usado como objeto por ela, para realizar as suas vinganças (BRAZ, 2005). Vê-se, portanto, que Eros não representa mais o papel principal nos mitos e se transforma em um simples servidor para sua mãe.

No entanto, na versão de Lúcio Apuleiro (150 d.C.), o deus Eros é protagonista. Ao invés de despertar nos outros o amor, Eros é enfeitiçado por esse sentimento e, então, sua vida se transforma: torna-se um ser inteiro e pleno. Essa tradução, na qual Eros surge com vida própria, ficou conhecida no mito de Psique. Para Braz (2005), tal mito demonstra a dimensão do amor adulto e as suas dificuldades para se estabelecer e se manter, assim como sugere, diante dos desafios enfrentados por Psique, que por amor tudo deve ser enfrentado, inclusive os seus medos e fraquezas.

1.2 Breve história do amor no ocidente

Assim como o mito, o conceito de amor passou por várias modificações ao longo dos tempos, “adequando-se às necessidades sociais, culturais e ideológicas dos diversos povos” (RODRIGUES, 2014, p. 71). Platão, que viveu de 427 a 347 a. C. foi um dos principais filósofos que se dedicou a falar sobre a relevância e a definição de amor. Em 385 a.C., em uma tentativa de compreensão e análise do amor, escreveu sua obra *O Banquete*. Esse livro refere-se à realização de um banquete no qual um dos convidados, Erixímaco, sugere que cada um dos presentes faça um discurso sobre Eros, deus do amor (RODRIGUES, 2014).

Analisando os "sete discursos" sobre o amor contidos no *Banquete*, verifica-se que vários sentidos são atribuídos à natureza do amor, e que os significados dados ao termo Eros não são exatamente equivalentes (COSTA, 1998). Nos discursos d'O *banquete*, o amor é caracterizado como um impulso que se direciona a um outro, como um "composto afetivo de desejos" (COSTA, 1998, p. 36), e com características semelhantes à do amor romântico: sofrimento decorrente da perda ou da ausência do objeto do desejo, alegria intensa, quando o objeto é possuído, etc. O sentido de amor como algo bom, belo e verdadeiro surgiu no Ocidente a partir da Grécia Antiga, justamente com *O banquete de Platão* (PRETTO; MAHEIRIE; TONELI, 2009).

Nesse sentido, segundo Costa (1998), Sócrates apresenta uma outra peculiaridade de Eros que nada se assemelha ao amor romântico. O amor surge como "uma resposta humana ao reconhecimento prévio do verdadeiro Bem e da verdadeira Beleza, estes, sim, valores permanentes aos quais o homem sábio deve aspirar" (p. 37). O verdadeiro amor está relacionado à posse do que é permanente, e na "metafísica platônica" não há de coincidir o que é durável com a superficialidade da atração sensual, sentimental.

Esse "esquema" platônico será mantido quase que literalmente no cristianismo. O amor destinado a Deus também tem os preceitos de busca de um "Bem Absoluto não-perecível e cuja essência independe do sujeito" (COSTA, 1998, p.37). Aqui, o amor verdadeiro é o amor de Deus e para Ele. Assim, só esse amor verdadeiro pode ser eterno. Nesse aspecto, o amor cristão pretende proporcionar a salvação e conseqüentemente o paraíso aos sujeitos. Com a justificativa de que essa é a sua finalidade, o amor se mostra incondicional, em que "tudo suporta, tudo releva, é sacrifício, abdicação e dedicação" (PRETTO; MAHEIRIE; TONELI, 2009).

Em oposição às regras e padrões ditados pela Igreja e pela sociedade, surge o amor cortês (PRETTO; MAHEIRIE; TONELI, 2009). Uma característica importante do amor cortês é o aspecto do desejo insatisfeito e a exaltação do sofrimento. De acordo com Rougemont (1988), em toda a poesia dos trovadores, o tema era o amor, mas não o amor pleno, satisfeito. Pelo contrário, o amor eternamente insatisfeito, em que há somente dois personagens principais: o poeta que lamenta constantemente, e uma dama, que sempre diz não. No "amor cortês", a felicidade é baseada na

aceitação da renúncia pelo próprio poeta, o que provavelmente não acontecerá sem uma certa dose de sofrimento.

Outro aspecto importante do amor cortês é “a laicização do objeto ideal do amor” (COSTA, 1998, p. 40). A dama substitui o lugar de Deus como objeto de desejo. Os trovadores do amor cortês descreviam suas experiências emocionais em uma linguagem ainda não empregada em períodos anteriores. Além disso, devido à dissociação da ideia de amor do Supremo Bem e das relações conjugais, o “amor cortês” precede ao nascimento do “amor romântico”.

O amor romântico surgiu com elementos dos diversos tipos de amor já apontados aqui. Continua sendo vivido de forma infeliz, ressalta a tragédia e é entendido como sofrimento que trará recompensas para a vida, pois é sempre bom e justo. Além dessas características, Pretto, Maheirie e Toneli (2009, p. 396) destacam que o amor romântico tem como preceitos básicos:

O amor como universal e natural, pré-requisito de auto-realização pessoal; o amor como um sentimento que vem a nós e não de nós; o fato de que sem amor não existe felicidade, sendo que os sujeitos são estritamente responsáveis pelo seu desempenho e felicidade amorosa, independentemente da conjectura social, política e econômica imposta (negação da contingência); amor como uma experiência marcada pela forte tensão entre o dever e o amor, amor e razão, amor e destino, amor e liberdade; o amor que subtende a não diferenciação entre amor, paixão e atração.

Aqueles que se mostrassem divergentes aos preceitos do amor romântico estavam fadados à solidão, ao estigma do fracasso emocional e à exclusão do mundo dos felizes. Pretto, Maheirie e Toneli (2009) destacam que a perspectiva realista fez diversas críticas a essas características que continuam qualificando o amor como idealista.

Nesse contexto, Costa (1998) declara que apenas na cultura burguesa, em que as regras da satisfação emocional individualista foram impostas, o amor romântico floresceu. Para comprovarem as suas críticas, os realistas apontam justamente o avesso das expectativas amorosas: “a ‘proteção’ contra a solidão nunca produziu tantos solitários, a ‘competência para amar’ forma legiões de ‘incompetentes’ e o mundo dos felizes nada mais é do que bufonaria com ares de seriedade” (COSTA, 1998, p. 147).

Embora bem menos fascinado pelo mito da perfeição do amor, Bauman (1997) sustenta a tese de que o amor é ambivalente, incerto e irremediavelmente remete o sujeito ao sofrimento. O amor só existe se comportar intenção de trazer felicidade. No entanto, é justamente essa intenção ideal que torna o amor insustentável. Por natureza, o amor é inquieto, pois deve ultrapassar o que foi alcançado, ou seja, busca constantemente abastecer-se de novos suprimentos de energia e reafirmar-se para permanecer vivo. “O amor é, portanto, insegurança inveterada” (BAUMAN, 1997, p. 115).

Nessa conjuntura, observa-se que o início de um relacionamento amoroso só se dá se ambos os parceiros concordarem. Mas, para o caso de o amor terminar, é necessário que apenas um deseje o término. Segundo Bauman (1997, p. 122) “os sentimentos e os desejos do outro parceiro não contam mais”. O que vai de encontro à afirmação de Costa (1998), para quem uma das premissas do amor romântico é que, em um relacionamento amoroso, as pessoas devem sentir-se livres para romperem os laços afetivos quando assim o desejarem.

Para Lopes (2009, p. 11), os mitos e os tipos de amor no Ocidente nos levam a crer que existe uma necessidade e expectativa de que o amor seja “como um sonho de completude, ânsia de ser todo inteiro”. Essas configurações apontam que o amor se caracteriza pela busca no outro daquilo que não temos, do que nos falta, e, assim, tem o objetivo de formar um todo na união.

1.3 Freud e as condições do amor: sobre o objeto proibido e a depreciação

Porém, a psicanálise surge para, além de investigar as dificuldades e exigências das questões amorosas, demonstrar justamente o contrário: a incapacidade da completude para o sujeito. Segundo Kuss (2015), a psicanálise nos indica que a falta não pode ser eliminada pelo amor, uma vez que integra a constituição psíquica do humano. Além disso, a estrutura psíquica e a posição que cada sujeito assume diante da vida é que vão orientar os modos pelos quais o amor será vivido.

Na Psicanálise, tanto Freud quanto Lacan utilizaram a palavra amor com diferentes sentidos, inclusive com significados distintos de paixão ou enamoramento.

Ao longo da obra freudiana, por exemplo, o amor passou por diversos entendimentos, “ora se aproximando da ideia que comumente se tem de amor, ora estando ligada à sexualidade, sendo por vezes utilizada como sinônimo de libido e até mesmo de desejo” (KUSS, 2015, p.39).

Freud (1907/2015) tomou a articulação entre amor e sexualidade como parte central para a construção de sua teoria, tendo constatado que, mesmo antes de a criança alcançar a puberdade, a maioria das suas atividades psíquicas relacionadas à vida amorosa - tais como a dedicação, a ternura e o ciúme - já estavam presentes. E, com muita frequência, o surgimento desses estados psíquicos vem cercado das sensações físicas da excitação sexual. Já Lacan (1957-1958/1999) evidencia que toda demanda é demanda de amor. Tamanha é a relevância do tema que, não existisse os impasses do amor, não existiria a psicanálise, visto que, “na análise, só lidamos com isso, e não é por uma outra via que ela opera” (LACAN, 1972-1973/1996, p. 91).

No interior da relação entre amor e sexualidade, abordaremos o tema do amor a partir de dois textos de Freud: *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem (Contribuições à psicologia do amor I)* (1910), *Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa (Contribuições à psicologia do amor II)* (1912). Freud observa que, durante muito tempo, a temática do amor foi abordada principalmente por escritores e poetas, os quais, apesar de retratarem como eram feitas as escolhas amorosas e a maneira como elas integram as exigências da realidade com sua fantasia, o faziam por ser característica inerente à “licença poética”, que visava o prazer intelectual e alguns efeitos emocionais. Desse modo, ressalta-se que o assunto carecia de estudos, “pois a ciência é a mais completa renúncia do princípio do prazer que a nossa atividade psíquica é capaz de fazer” (FREUD 1910/2013, p. 335).

O primeiro texto relacionado às “Contribuições à psicologia do amor” é o intitulado *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem* (FREUD, 1910/2013). Foi na prática psicanalítica que Freud reuniu impressões suficientes para descrever alguns tipos de escolha de objeto amoroso. Nesse trabalho, ele pretende apresentar algumas condições amorosas necessárias ao amor, tendo em vista que elas não são naturais.

A primeira condição apontada por Freud pode ser chamada de condição de “um terceiro prejudicado”. A mulher, tomada como objeto de amor, deve ser vista como sempre comprometida com outra pessoa, a qual possa reivindicar seus direitos como cônjuge, noivo ou namorado. Conseqüentemente, uma mulher que se encontra desimpedida pode ser considerada desinteressante ou até mesmo ser desprezada. Porém, ao se envolver em algum tipo de relação, passa a ser objeto de paixão (FREUD, 1910/2013).

A segunda condição apontada por Freud (1910/2013), para que a mulher seja considerada como objeto amoroso, é a de que ela possua uma “fama duvidosa”, as castas não exercendo o fascínio que exercem aquelas cuja fidelidade é questionável. Essa dúvida pode variar entre meros rumores até a constatação de uma traição, em se tratando de uma mulher comprometida. Esta condição pode ser denominada, de forma bem cruel, de “amor à prostituta”.

Observa-se que, na primeira condição, criam-se oportunidades para satisfazer os impulsos competitivos e hostis para com o parceiro da mulher. Já na segunda, há uma necessidade de sentir ciúmes e certa insegurança, algo que causa estranheza, pois o interesse é justamente por mulheres de má fama. Freud (1910/2013) pontua que, nesses casos, a paixão só atinge seu apogeu quando o homem se sente enciumado, pois é neste ponto que a mulher adquire valor. Outra questão apontada por Freud é o fato de o ciúme não ser direcionado ao parceiro da mulher, e sim a novos conhecidos, os quais possam levantar suspeita da amada.

É possível notar que as relações amorosas com mulheres que não possuem “integridade sexual”, ou seja, que apresentam características de “facilidade”, são consideradas parte de algo que se afasta da normalidade quando essas mulheres são tratadas como “*objetos sexuais valiosíssimos*” (FREUD, 1910/2013, p. 338). Também é possível perceber que tais relações acarretam em um alto dispêndio psíquico e exprimem notadamente um caráter compulsivo.

Essas paixões se repetem ao longo da vida do homem que faz este tipo de escolha, pois, para ele, por mais que a fidelidade não possa ser cumprida, as mulheres que não são “íntegras” são as únicas pessoas que podem ser amadas. Por isso, os objetos de amor são repetidos com as mesmas peculiaridades e vão se

sucedendo uns aos outros, de tal forma que chega “à formação de uma longa série” (FREUD, 1910/2013, p. 338).

Quando analisamos todos os pontos importantes que descrevemos, é possível verificar que essa escolha do objeto e a conduta amorosa tão peculiar derivam de uma única fonte: “da fixação infantil de sentimentos ternos na mãe e representam um dos desenlaces de tal fixação” (FREUD, 1910/2013, p. 339). Nesses homens, a libido permaneceu fixada na figura da mãe, mesmo depois da puberdade, por tanto tempo que os objetos amorosos escolhidos se tornaram substitutos maternos com traços muito evidentes.

No tocante a essa afirmação, no caso da primeira condição, a de que a mulher amada não seja livre, ou seja, não esteja sozinha ou solteira, ou de que exista um terceiro prejudicado (noivo, marido ou namorado), Freud (1910/2013) sustenta que tal afirmação se confirma facilmente quando comparamos com o desenvolvimento da criança no núcleo familiar. Para o jovem indivíduo, há uma rivalidade entre ele e o pai. Porém, mesmo a mãe pertencendo ao pai, a pessoa prejudicada não é a criança e sim o pai, o terceiro. No caso em que a amada é insubstituível e única, também se justifica pelo efeito que a experiência de satisfação com o primeiro objeto de amor deixou para a criança.

Com relação às “condições de amor”, Miller (2010) destaca que elas conduzem os seres humanos nas escolhas do objeto de amor. Além disso, pode-se perceber que, para Freud, a origem das condições se dá a partir da experiência primeira de satisfação, e não apenas na organização do Complexo de Édipo. “A ‘condição de amor’ é apenas uma formalização e um deslocamento da cena primária. Há, em Freud, uma estreita relação entre cena primária e condição de amor” (MILLER, 2010, p. 16).

Na segunda obra da tríade sobre o amor, intitulada *Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa (Contribuições à psicologia do amor II)*, Freud (1912/2013) prossegue com a temática da escolha de objeto amoroso e aborda a questão da impotência psíquica. Ao desenvolver essa obra, Freud (1912/2013), tanto descreve esse fenômeno, quanto tenta produzir uma ideia das causas da impotência, destacando as suas razões inconscientes e os seus motivos. Porém, como ressalta

Henderson (2017, p.35), o que Freud prioriza neste texto não é a interpretação, mas sim a “construção de uma verdadeira estrutura da vida amorosa”.

A necessidade de investigar as causas da impotência psíquica parece ser clínica, uma vez que Freud constata que o motivo pelo qual os homens mais buscavam a clínica era justamente esse transtorno, que consiste no fracasso da execução do ato sexual pela “falha” dos órgãos sexuais. Vale destacar que não existe nenhum impedimento fisiológico, mas sim um bloqueio psíquico que impede o êxito da ereção (FREUD, 1912/2013).

Em um primeiro momento, no esforço de compreender tal fato, o paciente relatava que esse evento ocorria apenas quando a tentativa de relação sexual era com determinadas pessoas, e que, com outras, o ato era bem sucedido. Para ele, o que interferia em sua potência viril era alguma característica do objeto sexual. O paciente sentia como se houvesse uma barreira dentro de si que impedia a concretização do ato. Porém, não conseguia precisar quais atributos do objeto eram responsáveis por desencadear essa situação (FREUD, 1912/2013).

Freud (1912/2013) acredita tratar-se de um efeito inibidor resultante de complexos inconscientes, ligados em sua maioria à fixação incestuosa não superada na mãe ou na irmã, às influências de “impressões penosas” da vida sexual infantil, e a outros fatores que pudessem reduzir a libido que se dirige ao objeto sexual feminino. Para ele, a “doença” é resultado de uma disjunção entre as correntes “terna” e “sensual”. O sujeito apresentaria uma dificuldade em unir sua corrente terna e sensual em um mesmo objeto, como resultado de não abandonar o objeto incestuoso. “Fixado na mãe, o sujeito não se permite vivenciar sua sensualidade em nenhuma relação amorosa ‘nova’, pois para ele toda mulher acaba ocupando o lugar da mãe” (HENDERSON, 2017, p. 49).

O abandono do objeto incestuoso poderia fracassar por dois fatores. Primeiro, por desapontamento do sujeito em razão de não conseguir encontrar um objeto acessível externamente para investir libidinalmente. E segundo, pelo nível de atração que o primeiro objeto exerceu, uma vez que, quanto mais alto o poder de atração, mais se torna difícil esquecê-lo. É importante apontar que, caso esses dois fatores sejam suficientemente fortes, darão início à formação da neurose. Freud

(1912/2013) explica que a libido se separa da realidade, sendo tomada por fantasias inconscientes (introversão), fortalecendo, assim, as imagens dos primeiros objetos sexuais e se fixa neles. Porém, “a barreira do incesto obriga a libido direcionada a esses objetos a permanecer no inconsciente” (FREUD, apud HENDERSON, 2017, p. 49).

1.4 Liberdade: da Grécia antiga à modernidade

Escolha tem a ver com liberdade, a qual, por sua vez, no contexto do mundo moderno, se constitui a partir da ideia de autonomia. Porém, até chegar às formas praticadas na modernidade, a concepção de liberdade passou por várias mudanças desde a Grécia antiga.

Na Grécia antiga, a liberdade pode ser concebida como “forma de vida do Estado e do indivíduo no Estado e na sociedade” (GIGON, 1973, p.2). Nessa concepção, liberdade não é um estado dos indivíduos, mas sim da cidade. Segundo Renaut (1998, p.8), nesse contexto, a liberdade é “a condição de uma cidade não submissa à dominação externa”. É a circunstância na qual um estado, sob certas conjunturas de uma ordem política ou ética, não necessita do auxílio de outro estado e nem depende da vontade dele. A própria cidade escolhe, após sua avaliação, aquilo que admite como essencial para si, afirmando sua independência perante qualquer interferência externa, ou seja, a cidade que é livre, os indivíduos não.

Nesse mesmo contexto, reitera-se que o indivíduo não é livre. O domínio do cidadão dizia respeito a questões relacionadas à cidade. Por outro lado, Renaut (1998, p. 8) afirma que era considerado “livre na cidade aquele que nela possuía as prerrogativas do cidadão”. Assim, entre os antigos, no que se refere ao indivíduo enquanto cidadão, uma questão é importante: nem todo mundo é livre, pois, nem todos eram considerados cidadãos.

Segundo Aristóteles (apud CUCHET, 2015, p. 282), cidadão é “quem tem a possibilidade de participar do poder deliberativo e judiciário” da *pólis*². Lagoas (2013, p. 140), ao se referir à atividade política do homem considerado cidadão e

² Aristóteles (apud CUCHET, 2015, p. 282) define *pólis* como “a coletividade de indivíduos desse gênero, em número suficiente para viverem, numa palavra, em autarquia”.

consequentemente livre na Cidade, menciona que os “homens livres” têm a permissão para o exercício de poder sobre aqueles “aos quais convém a ‘subordinação’”. Esse poder que alguns exercem sobre os outros tem fundamento na natureza, assim, “todas as pessoas estão marcadas desde o nascimento, uns para serem comandados outros para comandarem”, isso justifica o fato de que a comunidade política “é constituída de governantes e governados” (ARISTÓTELES, apud LAGOAS, 2013, p. 140).

O direito de os cidadãos exercerem parte da sua soberania estava sustentado não na noção de autonomia, mas em uma espécie de hierarquia, portanto, em uma heteronomia. O que importava não era o indivíduo, mas o papel social que ele desempenhava. A sua posição social era definida pelo seu lugar de nascimento. Ser livre era ocupar o lugar que lhe foi designado (RENAUT, 1988).

Nessa concepção da liberdade grega, marcada pelo fato de ser algo que já é determinado pela natureza, a liberdade é mais restritiva e é caracterizada pela heteronomia. Em oposição à autonomia, heteronomia seria justamente a disposição para receber ordens do exterior. O ato de mandar ou de obedecer, por exemplo, não era resultado de uma reflexão interna ou embasado na própria vontade, e sim porque já existia uma ordem pré-estabelecida da natureza (RENAUT, 1998). Quanto a essa questão, afirmam Heller e Feher (1994, p.59):

O recém-nascido *deve-se* adaptar às expectativas contextuais dadas no local em que aconteceu ter nascido. O escravo nasce na escravidão, o homem livre nasce livre, e ambos deveriam se tornar o que já são – escravos e homens livres, ou antes bons escravos e bons homens livres respectivamente, segundo as normas impostas a eles.

A modernidade se caracteriza justamente pela oposição às ideias de hierarquia e tradição praticadas na Grécia antiga. As duas coisas estão interligadas. Assim, referir-se às hierarquias é denunciar as tradições, pois são as tradições que perpetuam o modelo de hierarquias naturais e, consequentemente, a forma de estruturar a sociedade (RENAUT, 1998).

Outra questão importante que caracteriza a modernidade é a valorização da autonomia. Autonomia é a soma das palavras gregas, *autós* e *nomói*. *Autós* remete a si mesmo e *nomói* corresponde à norma ou regra (RODRIGUES JÚNIOR, 2004).

Assim, autonomia é a capacidade de legislar sobre a própria vida. Segundo Renaut (1998), o homem da modernidade é aquele que cria suas próprias normas de acordo com sua vontade e razão, é aquele que age não porque alguém disse o que ele tem que fazer, ou porque simplesmente existe um constrangimento externo, mas aquele que age a partir da própria reflexão.

A liberdade, no sentido moderno, está profundamente vinculada à noção de autonomia. Porém, Figueiredo e Santi (2008) apontam para o caráter ilusório da liberdade. De acordo com a ideologia liberal iluminista, todos são iguais e devem ser livres para defender seus interesses individuais. Portanto, ser livre, singular e ter interesses particulares implica uma carga de responsabilidade, desamparo e solidão que fazem tal liberdade não ser vivida de forma tão agradável quanto parecia poder ser.

Para diminuir esses inconvenientes que surgiram com a liberdade moderna, instaurou-se um sistema que engloba “a elaboração e aplicação de técnicas ‘científicas’ de controle social e individual” (FIGUEIREDO; SANTI, 2008, p.48), que se constituem como fundamentos das sociedades liberais. Esse sistema, que é chamado de Regime Disciplinar, são as instituições (escolas, hospitais, prisões, meios de comunicação, etc.) criadas para impor padrões e controles muito sólidos às condutas, à imaginação, aos sentimentos, aos desejos e às emoções individuais. Se pensarmos o amor nesse contexto, é possível notar que ele é algo que envolve uma disciplina. Ainda que se trate de um sentimento forte, é preciso se esforçar, e ter disposição e vontade para lutar.

1.5 Liberdade, escolha e psicanálise

A psicanálise também vem como uma forma de corroborar a premissa de que a liberdade comporta uma dimensão inexoravelmente ilusória. Dimenstein (2000) aponta que a ideia do indivíduo racional e senhor de si é um engano, pois o que determina suas ações e motivações é o inconsciente, ou seja, o sujeito é movido e impelido por forças que desconhece. As suas experiências são governadas por motivações desconhecidas cujo sentido está onde sua consciência não pode chegar. Como efeito, surge a “concepção de subjetividade individualizada e individualizante,

particular, singular a cada sujeito, mediada exclusivamente pela história pessoal de cada indivíduo” (Dimenstein, 2000, p. 98).

O estudo da teoria psicanalítica demonstra que Freud acredita em um determinismo psíquico inconsciente, em que se aceita a existência de forças inconscientes predominantes em relação às conscientes, de forma a demonstrar que o inconsciente vem restringir a liberdade consciente do sujeito, mas abre as portas para um novo tipo de liberdade: a do desejo. Para comprovar sua hipótese de um determinismo que rege os eventos psíquicos, Freud (1901/1976, p. 291) chegou a afirmar que, “contudo, nada na mente é arbitrário ou indeterminado.

Segundo Costa e Gomes (2017), a tese freudiana sobre o determinismo psíquico está atrelada ao conceito de "sobredeterminação". O fato de os fenômenos psíquicos não possuírem uma determinação última diferencia a psicanálise das ciências clássicas no que diz respeito à compreensão da causalidade e de suas consequências. E é a partir dessa diferença que se pode pensar sobre a questão da escolha na psicanálise.

Segundo Freud (1901/1976), existe uma sensação de que as escolhas são feitas com base no livre arbítrio. Porém, essa impressão surge apenas em determinados momentos da vida. Quando o sujeito está em uma situação na qual sua decisão terá consequências importantes para si, ele parece não levar em conta que agiu por uma vontade própria e livre. Com relação ao livre arbítrio, diz Freud:

Pelo que posso observar, porém, ele não se manifesta nas grandes e importantes decisões da vontade: nessas ocasiões, temos antes um sentimento de compulsão psíquica, e gostamos de poder recorrer a ele. ('Estou aqui, não tenho outra escolha') Por outro lado, é exatamente tendo em vista as decisões indiferentes e pouco importantes que gostaríamos de assegurar que também podíamos ter agido de outra maneira: que agimos com nosso livre – não motivado – arbítrio. (FREUD, 1901/1976, p. 303).

Assim, pensar no inconsciente, de acordo com a construção teórica de Freud, é pensar que, “mesmo quando a consciência deixa o sujeito livre de suas funções, ainda assim o sujeito não passa a estar totalmente entregue a uma situação psíquica de liberdade, já que o funcionamento inconsciente não deixou de estar atuante” (COSTA; GOMES, 2017, p.7). Não por acaso, veremos no capítulo a seguir, o fenômeno da repetição, uma vez que Freud o considera um processo inconsciente e,

para Lacan, a repetição é um conceito que se desenvolve a partir da hipótese do inconsciente e da noção de causalidade.

2 A REPETIÇÃO EM FREUD E LACAN

Para abordar o conceito de repetição na psicanálise, tomaremos como ponto de partida os principais tópicos de alguns textos da obra de Freud, apoiados por alguns comentários e análise de Lacan a respeito desse conceito. Partindo de *Recordar, repetir e elaborar* (1914), articulado com *A dinâmica da transferência* (1912) e *Observações sobre o amor de transferência* (1915), abordaremos a relação da repetição com a transferência, com a resistência, e com o amor. Na sequência, com base no *Além do princípio do prazer* (1920), daremos enfoque na repetição como compulsão. E, vinculando a repetição à pulsão de morte, será justificado que a preponderância do princípio de prazer não se sustenta. Por fim, com a teoria lacaniana, apresentaremos a repetição no contexto da noção de real, à luz dos conceitos de *Tiquê* e de *Autômaton*.

2.1 A repetição e a clínica psicanalítica

Em 1912, Freud adverte que cada indivíduo estrutura sua vida amorosa a partir de dois elementos fundamentais: “disposição inata” e “influências sofridas durante os primeiros anos” (FREUD, 1912/2010, p. 134). Esses elementos determinarão um modelo que direcionará a vida amorosa do indivíduo, a satisfação instintual, a demarcação dos seus objetivos. A apropriação dessa forma de funcionamento no psiquismo faz com que se produza o que Freud chamou de “clichê”, o qual é repetido constantemente e novamente reimpresso no decurso da vida do sujeito, mas que é suscetível de ser modificado frente a novas experiências.

Freud (1912/2010) observa, entretanto, que apenas uma parte dos impulsos que determinam o curso da vida amorosa - a parte que estaria voltada para a realidade - participa do processo de desenvolvimento psíquico. A outra parte ficaria detida em seu desenvolvimento no inconsciente, se mantendo separada da consciência e da realidade, “podendo expandir-se apenas na fantasia” (p. 135). Para Santos (2002, p.67), são as fantasias que permitem uma junção do passado com o presente: “toda nova estrutura de desejo revive os traços de outras anteriores”. Desse

modo, o sujeito que não consegue satisfazer suas necessidades amorosas pela realidade está predestinado a voltar-se para cada pessoa nova que encontra com "expectativas libidinais" e, além disso, com a possibilidade de que tanto a parte que pode se tornar consciente, quanto a inconsciente, influenciem essa atitude.

Levando-se em consideração essas mesmas possibilidades de influência, Freud (1912/2010) considera natural uma pessoa que se encontra insatisfeita também direcionar seu investimento libidinal para o analista. Esse investimento se unirá a um dos "clichês" existentes no indivíduo, ou seja, incluirá o analista em uma das séries psíquicas já formadas pelo paciente. Tal construção, realizada em 1912, auxiliará Freud em 1914 a ponderar que o paciente repete não somente em seu comportamento com o médico, mas em todos os demais relacionamentos e atividades, compreendendo-se, então, que essa é a sua maneira de recordar (FREUD, 1914/2010).

Em *A dinâmica da transferência*, Freud (1912/2010) pensa transferência a partir da noção de libido. O analista é colocado como objeto de investimento libidinal ao qual são direcionadas as repetições dos "clichês". Já em *Observações sobre o amor de transferência* FREUD (1915/2010) defende a tese de que o amor se sustenta no campo do narcisismo. Assim, esse texto fala muito mais de amor do que de libido (SANTOS, 2002).

A partir desse texto de 1915, percebe-se que Freud nomeia a transferência de "amor de transferência". Para ele, não existe uma diferença realmente significativa entre a transferência e o amor. De acordo com Ferreira (2004, p.33), Freud caracteriza o fenômeno da transferência como "a reedição de fantasias que se dirigem ao analista, na medida em que ele passa a ocupar o lugar de outras pessoas". Não podemos deixar de destacar que não é apenas recordar tais fantasias, mas também repeti-las (revivê-las) com o analista. O paciente, ao invés de recordar, ou melhor dizendo, de falar, repete o que foi recalçado.

Isso é uma evidência de que a transferência aparece não apenas como impedimento para a associação livre, mas também como aquilo que a torna possível. Lacan (1964/2008) define essa repetição como *autômaton* (noção que abordaremos com mais detalhes adiante), "automatismo de repetição", e o caracteriza como sendo

“um defeito no processo de simbolização: o que não pode ser simbolizado, isto é, o que não pode ser falado e, justamente por isto, não pode ser reconhecido pelo sujeito retorna no real sob a forma de conduta” (FERREIRA, 2004, p. 34). Dessa forma, aquilo que foi esquecido no passado e está diretamente ligado com o recalçado está propenso a retornar nas formações do inconsciente (sob forma de sonho, atos falhos etc.) e nos sintomas.

Santos (2002) observa que, para a psicanálise, o amor de transferência surge como produção do inconsciente, como um novo sintoma que desta vez é dirigido ao analista e que a resistência e a repetição aparecem como manifestações desse amor transferencial. Nesse contexto, Ferreira (2004) aponta que, no amor de transferência, a repetição e a resistência se articulam diretamente.

Com relação à resistência, descreve “o fechamento da pulsação do inconsciente” (FERREIRA, 2004, p. 34). Quando o eu rejeita uma ideia que acredita ser inconciliável, ao invés de ser eliminada, ela é recalçada. Assim, podemos supor que o que resiste é aquilo que o paciente não consegue simbolizar e que está próximo de ser revelado. Surge, a partir disso, a ambiguidade da transferência: ao mesmo tempo em que é a condição para que o tratamento se realize, é um obstáculo para ele, uma vez que implica a resistência. Desse modo, a transferência, aqui compreendida como deslocamento das fantasias relacionadas a impulsos sexuais recalçados, traz “como efeito desse deslocamento o amor” (FERREIRA, 2004, p. 34).

Para Freud (1915/2010) o amor transferencial possui certas peculiaridades que o distinguem do “amor normal”, e que o coloca em um lugar diferenciado no tratamento. Freud propõe três diferenças básicas entre esses dois tipos de amor, sendo que o amor transferencial: (i) decorre da situação analítica; (ii) é intensificado pela resistência; e, (iii) carece de consideração pela realidade.

Por ser transferencial, esse amor, como já dissemos, traz o aspecto da repetição. O paciente o vive como algo novo. Freud (1915/2010) aponta que “ele não possui uma só característica nova, oriunda de situação presente, mas se constitui inteiramente de repetições e decalques de reações anteriores, infantis inclusive” (p. 222), embora o paciente desconheça tal fato.

2.2 Recordar, repetir e elaborar

A repetição como conceito psicanalítico foi trabalhada por Freud, principalmente, em *Recordar, repetir e elaborar* (1914/2010). Nesse artigo, Freud começa lembrando as transformações pelas quais passou a técnica psicanalítica até então. Fingermann (2014) ressalta que essa não foi a primeira vez que Freud encontrara obstáculos em seu trabalho clínico e que, mediante a transformação da dificuldade em um questionamento, opta por reconstruir o “aparelho conceitual” que sustenta a sua “práxis”.

Para darmos conta das transformações do conceito de repetição, é importante tentar reconstruir as etapas percorridas por Freud. Na fase do método catártico, a prática terapêutica consistia em, com a recordação do momento em que se formavam os sintomas do paciente, reproduzir os processos mentais daquela situação com o objetivo de direcionar as descargas para a atividade consciente. Freud (1914/2010) aponta que se visava nesta época, com a recordação, a ab-reação. Porém, com a prática da hipnose e da sugestão, Freud se deparou com dificuldades significativas. O passado se apresentava facilmente, porém sem nexos com o presente. Ademais, a situação passada era tomada isoladamente, se repetindo da mesma forma.

Nesses termos, recordação tinha o sentido de uma reminiscência, apenas um retorno do recalado em forma de lembrança do passado (BARBOSA NETO, 2010, p. 15). Vale ressaltar que o método catártico era eficiente no sentido da remoção do sintoma, a cura se dando pela descarga (ab-reação). Porém, Freud verificou que o sintoma retornava posteriormente; assim, a cura era transitória.

Freud (1914/2010), então, abandona a hipnose e passa a valer-se da técnica da associação livre, colocando a ab-reação em segundo plano. O objetivo era descobrir o que o paciente não conseguia recordar. Era o próprio sujeito que alcançava seu passado ao expor tudo que lhe vinha à mente, uma vez que, supostamente ao acaso, as representações inconscientes iam se afluando. No entanto, a recordação muitas vezes era dificultada pelo paciente, que protelava a lembrança do acontecimento de várias formas. Freud verificou, então, que, enquanto

não se dissolvia o “bloqueio” que impossibilitava a recordação, o paciente repetia aquilo de que não se lembrava (BARBOSA NETO, 2010).

O fenômeno que impedia o paciente de recordar-se foi chamado de resistência, caracterizada como um obstáculo existente, ou uma força poderosa entre o sujeito e o acontecimento traumático, que barra a passagem dos conteúdos inconscientes à consciência. Assim, Freud enfrentou o desafio de encontrar um meio capaz de fazer o aparelho psíquico trabalhar no sentido de superar as resistências. Para tanto, utilizou-se da interpretação; ao invés de apenas escutar o que o sujeito dizia, o analista deveria interpretar as resistências, e comunicar os resultados ao paciente (FREUD, 1914/2010).

Junto com a regra da associação livre, Freud (1914/2010) chega ao método de trabalho conhecido como “Atenção Flutuante”, em que o analista deveria abandonar qualquer foco ou problema específico, contentando-se em escutar o que o paciente trazia no presente, na superfície psíquica. Ressalta-se que o objetivo de todas essas técnicas, segundo Freud (1914/2010), permanecia o mesmo: preencher lacunas na memória superando as resistências causadas pelo recalque.

Com a “Atenção Flutuante”, Freud (1914/2010) chega ao ponto em que o paciente expressa conteúdos recalcados por meio da atuação. Verifica-se que quanto maior a resistência, mais a recordação será substituída pela atuação. Aceita-se, aqui, que a recordação toma a forma de ação. Porém, é válido salientar, com Green (2007), que a compulsão à repetição pode ser encontrada em material que não é ação.

Para Green (2007), o paciente parece ignorar por completo as relações entre os fragmentos repetidos, e que tais fragmentos são colocados lado a lado sem nenhuma conexão. Nesse aspecto, o autor também nos fornece um exemplo ao mencionar casos de pacientes em que “a compulsão para repetir pode ser precedida por uma paralisia da comunicação” (GREEN, 2007, p.2), uma vez que o paciente, com um vasto repertório de acontecimentos, declara que não tem nada a dizer.

Freud (1914/2010, p. 201) se dá conta de que o paciente se sujeita a uma compulsão à repetição, que substitui o impulso de recordar, e aponta o interesse em compreender a relação desta compulsão com a transferência e com a resistência.

Para ele, a transferência é “apenas” uma parcela da repetição, e a repetição, “uma transferência do passado esquecido”.

Mas, afinal, o que o sujeito repete? O sujeito “repete tudo o que, das fontes do reprimido, já se impôs em seu ser manifesto: suas inibições e atitudes inviáveis, seus traços patológicos de caráter. Ele também repete todos os seus sintomas durante o tratamento” (FREUD, 1914/2010, p. 202). Na repetição, sob as condições da resistência, não se trata então de uma lembrança, mas sim de uma maneira de se reviver o trauma.

Por conseguinte, a doença do paciente não deve ser tratada como um fato do passado, mas sim como um episódio atual. Afinal, para o paciente, tal doença é experimentada como algo real e que faz parte de sua vida presente. O que se torna evidente é que o repetir, na forma como é induzido no tratamento psicanalítico, evoca um fragmento da vida real e que o trabalho de análise consiste em implicar o sujeito em seu passado, mas no presente da situação analítica. A partir dessa visão acerca da compulsão à repetição, Freud (1914/2010, p. 202) diz que “não adquirimos um novo fato, mas uma concepção mais unificada”. A esse respeito, Nasio (2014, p. 26) acrescenta que a repetição é do mesmo objeto, porém, nunca idêntico a si mesmo, “embora reconhecível como sendo sempre o mesmo objeto”.

Como se pode notar no artigo de 1914, Freud trabalha o conceito de repetição no âmbito da transferência. Para Garcia-Roza (1986), ao se admitir que a transferência é o processo que fundamenta a relação analítica, e que ela é um caso particular da repetição, pode-se inferir que o tratamento psicanalítico só se inicia a partir da produção de uma repetição desse tipo com o analista. Essa repetição ocorre no âmbito do inconsciente, porque se acontecesse de forma consciente, não seria eficaz como mecanismo de defesa. Assim, se é a repetição que impede a “recordação”, ela também caracteriza o conflito psíquico, uma vez que, por um lado é um grande instrumento terapêutico, e, por outro, um modo de resistência.

No entanto, Lacan (1964/2008, p. 40) aponta que é comum a afirmação de que a transferência é uma repetição. Porém, para ele, “o conceito de repetição nada tem a ver com o de transferência”³. Segundo Garcia-Roza (1986, p. 22), isto significa que:

Se na transferência dá-se uma repetição de protótipos infantis, essa repetição não é uma reprodução de situações reais vividas pelo paciente, mas *equivalentes simbólicos do desejo inconsciente*. O que se repete, faz-se num ato que só toma sentido em relação ao analista, o que implicaria, pelo menos, que fizéssemos uma distinção entre “repetição do mesmo” e “repetição diferencial”. Se transferência é repetição, ela é uma repetição diferencial, e somente sob esse aspecto a repetição toma um sentido positivo e pode constituir-se como um instrumento no sentido da cura.

Por outro lado, se a repetição é um modo de resistência, ela pode se tornar um importante recurso terapêutico no tratamento e conseqüentemente na dinâmica do processo de cura. Neste sentido, Garcia-Roza (1986, p.24), para entender o paradoxo da repetição enquanto resistência e da repetição enquanto possibilidade de cura, propõe que é preciso notar a existência de dois tipos de repetição: “a repetição do ‘mesmo’ e a repetição diferencial; enquanto a primeira se aproxima da reprodução (na medida em que é estereotipada), a segunda é produtora de novidade e, portanto, fonte de transformações”.

No artigo *O Inquietante*, Freud (1919/2010) retoma a questão da repetição sob outra ótica. *Unheimlich* (inquietante) relaciona-se com aquilo que é sentido pelo paciente como assustador, com o que causa medo e horror: “O inquietante é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar” (FREUD, 1919/2010, p.331). O que é mais importante no inquietante é justamente essa familiaridade que deveria ficar oculta, mas que vem à tona.

Segundo Garcia-Roza (1986), só existe *Unheimlich* (inquietante) se houver repetição. “O estranho é aquilo que se repete e retorna, mas ao mesmo tempo aparece como diferente” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 24). Para ele, o inquietante é uma “repetição diferencial”, uma vez que não é uma repetição do mesmo. Essa repetição refere-se à própria natureza das pulsões, uma compulsão “forte o suficiente para sobrepor-se ao princípio do prazer” (FREUD, 1919/2010, p. 356). Aqui, Freud

³ Lacan (1964/2008) não está dizendo que repetição não tem nada a ver com a transferência, ou que não haja repetição na transferência, mas que “o conceito de repetição” não tem a ver com o “conceito de transferência”. É uma diferença sutil, mas fundamental.

antecipa o que será explorado em *Além do princípio do prazer*, quando diz que, na mente inconsciente, reconhece-se o domínio de uma compulsão à repetição, que atribui a determinados fenômenos da psique um “caráter demoníaco”.

2.3 O jogo do *fort-da*

Além do princípio do prazer promove uma “virada na consideração clínica da repetição, cujos fenômenos, obstaculizando a transferência e seu trabalho próprio” (FINGERMANN, p. 170), colaboraram para o estabelecimento desse conceito, que, daí em diante, proporcionará repercussões teóricas fundamentais para a psicanálise. Neste momento, com o surgimento do conceito de “pulsão de morte”, a repetição aparece como força pulsional.

Até 1920, a repetição era considerada um fenômeno associado ao campo transferencial. Freud (1914/2010, p. 201) diz que a transferência corresponde a apenas uma parcela da repetição. Além disso, a repetição era entendida como um sinônimo de resistência. Com a virada na doutrina freudiana, esta concepção já não se sustenta mais, o que proporciona um rearranjo na teoria. Na visão de Pena (2007), a existência da repetição excede os limites do tratamento analítico, pois revela um caráter pulsional e está presente na vida de todas as pessoas. Assim sendo, é uma característica da condição humana.

Entretanto, foi na observação do comportamento de seu neto que Freud avançou de forma significativa na teoria da repetição. Trata-se da brincadeira a qual ele nomeou como o jogo do *Fort-Da*, inventada por uma criança de 18 meses (neto de Freud). Observa-se que a criança era reconhecida por ser um bom menino, principalmente porque jamais chorava quando a mãe se ausentava. Era bastante ligado à mãe.

O jogo do *Fort-Da* é descrito por Freud em duas etapas. Na primeira etapa, a criança jogava todos os objetos que estavam próximos a si para longe. Ao mesmo tempo, emitia o som “o-o-o-o”, acompanhado por uma expressão de interesse e satisfação, que foi interpretado por Freud, e pela mãe da criança, como sendo a

palavra alemã *Fort*, vocábulo que, nesse contexto, poderia significar “foi embora”. O ato da partida do objeto já constituía em si um jogo (FREUD, 1920/2010).

A esse respeito, Santos (2002) aponta para uma proposição importante de Safouan (1988): a de que o jogo era fazer desaparecer qualquer objeto que estava ao seu alcance, e não apenas um objeto determinado que pudesse ser interpretado como substituto da mãe. Safouan (1988 apud SANTOS, 2002) também indica que, no ato de fazer desaparecer o objeto, está inscrita a conservação do próprio objeto, ou seja, mesmo o que não está diante dos olhos, pode, ainda assim, continuar a existir. Diante disso, a conservação do objeto é concomitante à perda: “se a simbolização implica a possibilidade de tornar presente aquilo que está ausente, ela estabelece um campo de perda” (SANTOS, 2002, p. 98).

Na segunda etapa do jogo, a criança tinha um carretel de madeira amarrado por um cordão. Aqui a brincadeira consistia em lançar o carretel para trás de uma cortina, de modo que desaparecia, enquanto ele pronunciava o expressivo “o-o-o-o”, e depois o puxava, saudando o seu reaparecimento com um alegre “*Da*” (“está aqui”). Essa era a brincadeira completa: desaparecimento e retorno. Segundo Freud, o primeiro ato do jogo era repetido infindáveis vezes, apesar de o segundo ato, o do retorno do objeto escolhido, ser, sem dúvida, o mais prazeroso (FREUD, 1920/2010).

Neste contexto, Freud se detém nas articulações entre o jogo do *Fort-Da* e a ausência da mãe. Ele percebe que o que a criança faz, por meio da brincadeira, é simular a presença e a ausência da mãe, e sugere algumas interpretações possíveis para tentar explicar o fato de haver repetição dessa experiência dolorosa. No entanto, vale ressaltar que todas as interpretações contêm aspectos que indicam um certo ganho, ou alguma obtenção de prazer por parte da criança nessa repetição do desagradável (ALMEIDA, 2005).

Freud primeiramente associa essa brincadeira às aquisições culturais da criança, uma vez que ela renuncia à satisfação de manter sempre a mãe ao seu lado, quando não protesta mediante a sua saída. Nesse ponto, era como se ela compensasse o afastamento da mãe colocando-se ela mesma em cena. Ou seja, ela não reclamava expressamente da ausência da mãe, mas tornava presente seu incômodo na brincadeira.

Depois, influenciado pelo fato de que a criança já experimentava o prazer no *Fort*, ou seja, na experiência de desprazer, Freud faz uma construção importante, apresentando a questão das relações entre passividade e atividade. No momento em que a mãe se ausentava, a criança se encontrava em uma situação passiva. Porém, a partir do momento em que a criança repetia tal vivência como jogo, por mais desagradável que fosse, ela assumia um papel ativo. O que realmente importava, era a criança reagir e sentir-se como senhor e dono do papel que agora representava (FREUD, 1920/2010).

Chega-se agora a uma terceira interpretação: Freud acredita que, ao lançar os objetos para longe de si, para que partissem, a criança passaria a satisfazer um impulso reprimido de sua vida de se desferrar da mãe, que partiu e o deixou. Esta explicação estaria relacionada com a anterior, no sentido de que a criança desafiava a ausência da mãe por um ato de autossuficiência. Pode-se dizer, dessa forma, que a situação é invertida: nesse momento é a criança que não se interessa mais que a mãe permaneça por perto, para poder desejar, e não a mãe que se retira.

Diante do exposto, no que diz respeito à forma de funcionamento do aparelho psíquico, convém insistir, com base nos estudos acerca deste jogo infantil, que mesmo sob a sustentação do princípio do prazer, aquilo que é “desprazeroso” ainda encontra meios suficientes para converter-se em objeto de recordação e elaboração psíquica, e de satisfação (CAROPRESO; SIMANKE, 2006). Assim, o jogo do *Fort-Da*, caracterizado como um fenômeno bastante complexo analisado por Freud, embora seja a repetição de um acontecimento doloroso – a partida da mãe - é cercado de prazer.

2.4 A repetição e o princípio do prazer

Mas de que forma a compulsão à repetição se articula ao princípio do prazer? Na obra *Além do princípio do prazer*, de 1920, Freud faz este questionamento após afirmar que a resistência do Eu consciente e pré-consciente está a serviço do princípio do prazer, já que o objetivo é evitar o desprazer produzido pela liberação do recalcado.

Para responder tal questionamento, Freud (1919/2010) começa afirmando ser nítido que a maior parte das situações experimentadas pela compulsão à repetição causa desprazer ao Eu, já que trazem à tona atividades dos representantes das pulsões recalcadas. Afirma também que tais situações não se contrapõem de forma completa ao princípio do prazer, pois causam “desprazer para um sistema e, ao mesmo tempo, satisfação para o outro” (FREUD, 1920/2010, p. 179).

No entanto, um fato novo aqui inserido, e que merece destaque, é que a compulsão à repetição também rememora experiências que não trazem e nem nunca trouxeram nenhuma possibilidade de prazer. Então, é um equívoco falar na dominância do princípio do prazer sobre “o curso dos processos psíquicos”, pois, se assim fosse, a maioria dos nossos processos mentais ou seriam acompanhados de prazer, ou nos conduziriam a ele. Porém, a experiência nos mostra que tal inferência não é verdadeira (FREUD, 1920/2010, p. 164).

Freud (1920/2010) aponta que não nos causa muita surpresa a eterna recorrência do “mesmo” quando associada a um comportamento ativo do sujeito envolvido. Para ele, nessa situação, pode-se descobrir “o traço de caráter permanente de seu ser, que tem de manifestar-se na repetição das mesmas vivências” (FREUD, 1920/2010, p.182). O que desperta seu interesse são os casos em que a pessoa aparece de forma “passiva”, ou seja, nas experiências em que inexiste influência do sujeito, pois, nestes casos, da mesma forma, se defronta com a repetição do mesmo destino. Esse texto nos mostra então, que “a compulsão à repetição remete a algo mais originário, mais elementar que o princípio do prazer” (FREUD, 1920/2010, p.182).

Porém, Freud (1920/2010) alerta que as repetições não trazem nenhum prazer, já que nem ao menos trouxeram prazer na primeira experiência. Para o autor, como são da ordem do desprazer, as repetições trariam menos sofrimento se experimentadas como algo novo, ao invés de serem vivenciadas em lembranças ou sonhos.

Freud (1920/2010) passa, então, além de levar em consideração a probabilidade de existir algo para além do princípio do prazer, como a associá-lo às brincadeiras e aos sonhos. Para ele, levando em consideração algumas observações

sustentadas na “conduta na transferência” e na história de vida das pessoas, somos tentados a supor que realmente existe no aparelho psíquico “uma compulsão à repetição, que sobrepuja o princípio do prazer” (FREUD, 1920/2010, p.183).

Para Garcia-Roza (1986), o princípio do prazer tem uma função homeostática e o que coloca em questão esta hipótese é a ambiguidade da repetição: possuir uma tendência repetitiva e também uma restitutiva. O pressuposto da pulsão de morte emerge exatamente quando a tendência repetitiva se sobressai diante da restitutiva, suposição não confirmada com a tese do princípio do prazer.

Ao aceitar o aspecto pulsional da compulsão à repetição, Freud desenvolve uma nova teoria da pulsão: “*seria uma pulsão, presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior,...* a expressão da inércia da vida orgânica” (FREUD, 1920/2010, p. 202). Com essa nova sugestão fica evidente “a natureza conservadora das pulsões”, o que contradiz a perspectiva anterior que transmitia um ar renovador, que impulsionava à transformação e ao desenvolvimento. Agora, elas visam restabelecer um estado anterior de satisfação.

Considerando a observação que aponta para o interesse do organismo em buscar uma satisfação já atingida, ou seja, “um estado anterior”, Freud se apropria da questão de que se “todo ser vivo morre por razões *internas*, retorna ao estado inorgânico, então só podemos dizer que *o objetivo de toda vida é a morte*, e, retrospectivamente, que *o inanimado existia antes que o vivente*” (FREUD, 1920/2010, p. 204).

Com a constatação da compulsão à repetição, Freud (1920/2010) aponta a existência da pulsão de morte. Entendida como uma tendência que impulsiona o psiquismo a retornar ao inorgânico, esta pulsão, ao contrário da que busca preservar toda substância viva, visa dissolvê-la. Ao lado da pulsão de vida, a pulsão de morte opera no sentido da destruição. Para Freud (1920/2010), a problemática das pulsões envolve a lógica da fusão e da defusão, o que nos leva a pensar e a conceber que estas pulsões não se manifestam isoladas uma da outra, mas operam de forma combinada.

2.5 Tiquê e Autômaton

O conceito de repetição tal como abordado por Lacan tem suas bases em um contexto um pouco diferente daquele em que Freud apresentou. Para Lacan, mesmo se apresentando em análise, o conceito de repetição não deve ser identificado ao de transferência. Ele se baseou na concepção de inconsciente e retomou dois conceitos presentes na teoria de Aristóteles – a *Tiquê* e o *Autômaton* – para refletir acerca da questão da repetição e de sua relação com o real.

Tiquê diz respeito à “sorte”, tem como objetivo e se relaciona à possibilidade de escolha. Ela aparece junto com algo do inesperado e da não-escolha, o *Autômaton*, o qual diz respeito ao acaso, ao que é fortuito. Para Barbosa Neto (2015), *Tiquê* e *Autômaton* se constituem em um mesmo movimento, sendo que a *Tiquê* seria um modo particular de *Autômaton*: “tudo que é a parte da sorte é a partir do acaso, mas nem tudo que é a partir do acaso é a partir da sorte” (ARISTÓTELES, apud SILVA, 2009, p. 11).

Garcia-Roza (1986) considera que as noções de *Tiquê* e *Autômaton* estão atreladas à noção de acaso e contingência, uma vez que se relacionam a acontecimentos aos quais a razão humana não pode atribuir uma inteligibilidade. Para ele, também, “tanto *Tiquê* quanto *Autômaton* designam um acaso secundário e não um acaso original, isto é, estão ambos referidos a uma ordem da qual eles são uma exceção ou um desvio” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 41).

É no Seminário 11 que Lacan (1964/2008) introduz os termos *Tiquê* e *Autômaton* no campo da psicanálise. Aqui ele vai propor duas formas de pensar a repetição a partir da diferenciação destes dois termos: *Autômaton* como “insistência da cadeia significante”, e *Tiquê* para denominar “encontro do real” (LACAN, 1964/2008, p. 59).

O *Autômaton* define a repetição no registro do simbólico, e a função do significante é que “determina o sujeito independente do significado que ele possa ter” (SANTOS, 2002, p 121). Já a *Tiquê* é a repetição “que não passa pela ordem do significante”. O real é aquilo que “se repete como falta”, um “encontro faltoso” com o inominável, com o traumático (LACAN, 1964/2008, p. 60). Lacan deixa claro que “o

real está para além do *Autômaton* e da insistência dos signos” que comandam o sujeito pelo princípio do prazer. Para ele, o real “vige sempre por trás do *Autômaton*” (LACAN, 1964/2008, p. 59). Neste sentido, Fink (1997) aponta que:

O real aqui é o nível de causalidade, o nível daquilo que interrompe o funcionamento tranquilo do *autômaton*, da seriação automática, sujeita à lei regular dos significantes do sujeito no inconsciente. Ao passo que os pensamentos do analisando estão destinados a perder sempre o alvo do real, conseguindo apenas circular ou gravitar em torno dele, a interpretação analítica pode atingir a causa, levando o analisando a um encontro com o real: *tique*. O encontro do real não está situado no nível do pensamento, mas no nível onde a “fala oracular” produz não-senso, aquilo que não pode ser pensamento (FINK, 1997, p. 241-2).

Santos (2002, p.122) descreve da seguinte forma a relação do sujeito com a *Tiquê* e com o *Autômaton*: “é na produção de novas significações, pelo retorno da cadeia, que a dimensão da *Tiquê* aparece: o encontro de um ser capaz de escolha com aquilo que lhe escapa. A escolha implica a intenção”. Assim, a *Tiquê* produz-se por efeito do retorno de um significante, cuja insistência se deve ao *Autômaton*, e faz surgir uma nova significação que se refere ao desejo. É, então, por intermédio do desejo que há o encontro dos dois sentidos de repetição.

Para Lacan, não há porque se enganar e tratar a repetição como “retorno dos signos”, “reprodução ou “rememoração”. Nesse contexto, o que o analista trabalha são os tropeços que são reencontrados constantemente. Tal fenômeno aparece justamente naquilo que falta, pois, naquilo que falta está a verdade do sujeito, e é lá que seu desejo aparece (LACAN, 1964/2008, p. 59).

Por fim, se pensarmos a repetição como “encontro do real”, podemos ir além do senso comum que consiste em identificar nas escolhas amorosa do presente uma reedição das escolhas do passado. Há algo mais: as escolhas do presente reeditam às do passado, mas apenas na medida em que repetem, na situação presente, algo desse real não-simbolizável, algo desse núcleo traumático que não se deixa representar. Nesse sentido, para Fink (1997, p. 244) o que acarreta a repetição é justamente a “natureza não-representacional” do real, o que leva o sujeito a retornar ao objeto perdido.

3 MÉTODO

Esta é uma pesquisa de natureza teórica, fundamentada pela teoria psicanalítica de Freud e Lacan, bem como por trabalhos de estudiosos da sua obra. A psicanálise é um campo do saber com referência teórica construída na clínica. Foi com base em seus atendimentos clínicos e em sua autoanálise que Freud, apoiado nas percepções dos seus próprios sintomas e de seus pacientes, elaborou sua metapsicologia. Isso pode levar a crer que é incoerente tentar se utilizar do método psicanalítico de pesquisa desconsiderando a experiência analítica. A esse respeito, Freud (1912/2010, p.153), em suas *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise*, diz que: “Um dos méritos que a psicanálise reivindica para si é o fato de nela coincidirem pesquisa e tratamento”.

A pesquisa em psicanálise pode ser caracterizada como “um conjunto de atividades voltadas para a produção de conhecimento” (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006, p. 258), em que “alguns conceitos psicanalíticos são mobilizados como instrumentos para a investigação e compreensão de variados fenômenos sociais e subjetivos” (p. 259).

Porém, segundo Iribarry (2003, p. 117), pelo fato de “trabalhar com a impossibilidade de previsão do inconsciente”, a pesquisa psicanalítica não pode determinar “uma sistematização completa e exclusiva”. Ela é uma construção do autor que após “pesquisar o método freudiano descobre um método seu” e o “singulariza na realização de uma pesquisa” (p. 117). Conforme o autor, a pesquisa psicanalítica se diferencia de outras estratégias metodológicas. A singularidade desse tipo de pesquisa pode ser caracterizada, dentre outros aspectos, por não precisar generalizar os resultados obtidos, pois eles alteram a forma como o pesquisador irá se posicionar diante dos novos sentidos produzidos pelo texto.

Figueiredo e Minerbo (2006) vão além quando dizem que à medida que as construções do pesquisador avançam e trazem elaborações e descobertas sobre o objeto, o efeito da pesquisa será a transformação das partes. O “objeto” e o “sujeito” da pesquisa não serão mais como eram antes da pesquisa ser iniciada. O sujeito se transforma, tendo em vista que se torna capaz de enxergar coisas que não via anteriormente assim, o objeto é interpretado e adquire um novo significado. Nesse

sentido, a pesquisa com método psicanalítico pode ser chamada de “uma atividade em que se constituem e se transformam ‘objetos’, ‘pesquisadores’ e ‘meios’ ou ‘instrumentos’ de investigação (conceitos, técnicas etc.)” (p. 262).

Nessa perspectiva, o pesquisador psicanalítico “é o primeiro sujeito de sua pesquisa”, ou seja, “ele está implicado como um participante na investigação realizada” (IRIBARRY, 2003, p. 122). É esse pesquisador que vai produzir a contribuição conceitual durante o desenvolvimento da pesquisa. Além disso, é quem vai dar um “testemunho de sua investigação a um outro” (p. 122), com o qual irá se “transferenciar”. Na pesquisa psicanalítica, esse outro pode ser representado pelo dado de pesquisa ou pelo público a quem se destina o texto da pesquisa realizada.

Apesar de ser o primeiro e o principal participante de uma pesquisa psicanalítica, o autor pode contar com outros colaboradores que serão considerados participantes da pesquisa. Para a escolha de tais sujeitos, assim como para o procedimento de coleta de dados, não existem novidades no método da pesquisa psicanalítica, o que existem são inovações relacionadas aos recursos metodológicos utilizados nos mecanismos de análise de dados. Como exemplifica Iribarry (2003, p.125), podem servir como material para a coleta de dados as entrevistas gravadas, material clínico, “bem como obras de arte (cinema, pintura, fotografia, escultura, literatura, etc.)”, “o mais importante é que o pesquisador transforme sempre seu dado em texto”.

Nos dizeres de Rosa e Domingues (2010, p.186): “a experiência com os dados é transformada em texto que identifica e realça marcas no discurso, posições, efeitos e sentidos”. Assim, a análise dos dados deve ser feita em relação ao texto construído, e guiada por dois mecanismos: uma “leitura dirigida pela escuta” (p. 186), em que o pesquisador identifica, no texto transcrito, contribuições acerca do problema de pesquisa; e a “transferência instrumentalizada”. Essa técnica de análise de dados é baseada na leitura da referência bibliográfica utilizada. O pesquisador irá relacionar seus achados situados no texto transcrito com a literatura que serviu de base para o levantamento teórico. Finalmente, o pesquisador psicanalítico irá construir o “ensaio metapsicológico”, um escrito construído a partir de uma pesquisa, e que irá fazer parte da discussão dos dados como forma de preparar as considerações finais do trabalho (IRIBARRY, 2003).

A estratégia metodológica utilizada, em articulação com a teoria psicanalítica, foi a da análise do discurso. Fundada por Michel Pêcheux no século XX, a Escola Francesa de análise de discurso sustenta que seu objetivo é, segundo Orlandi (2005, p. 10) “explicitar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação” e, a partir daí “compreender como as relações de poder são significadas, são simbolizadas”.

Do ponto de vista da Análise de Discurso, a linguagem não é transparente. Com base nessa afirmação, a Análise de Discurso busca mostrar que a relação entre a linguagem, o pensamento e o mundo não admite apenas uma interpretação. Isso se observa quando constatamos que mesmo as palavras corriqueiras do nosso dia a dia já se apresentam “carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós” (ORLANDI, 2015, p. 20).

E é nesse espaço que a Análise de Discurso propõe o “dispositivo da interpretação” para, entre outras coisas, procurar ouvir, “naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras” (ORLANDI, 2015, p. 59). Todo enunciado é passível de interpretação e é suscetível de ser ou tornar-se outro. Nas palavras de Orlandi (2015, p.59): “Esse lugar do outro enunciado é o lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos”. Assim, a interpretação na Análise de Discurso trata-se de articular, pôr em relação, os dizeres do sujeito e os não-ditos, para verificar os efeitos de sentido que aí se produzem.

3.1 Os Procedimentos de Construção do Material

Com base nos princípios da estratégia metodológica da análise de discurso, esta pesquisa foi realizada utilizando, para a coleta de material bruto, o filme americano *Eternal sunshine of the spotless mind*, traduzido no Brasil por *Brilho eterno de uma mente sem lembranças* (2004), do gênero comédia dramática, romance e ficção científica, dirigido por Michel Gondry e com roteiro escrito por Charlie Kaufman, estrelado por Jim Carrey e Kate Winslet.

A escolha do filme se deu a partir da identificação dos processos vivenciados pelos personagens principais Joel (Jim Carrey) e Clementine (Kate Winslet), e, pelos personagens Dr. Howard Mierzwiak (Tom Wilkinson) e Mary (Kisten Dunst), de forma que favorecesse a investigação acerca do tema repetição, tal como abordado nesta pesquisa. O enfoque foi dado à experiência de Joel e Mary, que decidem apagar todas as lembranças do relacionamento que mantinham, porém, quando se reencontram são tomados pelo sentimento de que já se conhecem.

O procedimento de elaboração do material se deu pela descrição das cenas do filme, em que foram expostos os detalhes em relação ao contexto, ao ambiente em que as cenas se passaram, e à trilha sonora do filme. Após a descrição, as cenas que tinham mais pertinência com a temática estudada no projeto foram selecionadas, e os dados, transformados em texto (IRIBARRY, 2003).

3.2 Os Procedimentos de Análise do Material

Quanto aos procedimentos de análise do material, os passos foram (i) transformar os dados transcritos na etapa anterior em texto (IRIBARRY, 2003), mediante um tratamento de análise superficial do material, com o qual se buscou identificar “o como se diz, o quem diz, em que circunstâncias, etc.” (ORLANDI, 2015, p. 65); (ii) buscar reconhecer os processos discursivos existentes no objeto de análise, visando identificar sinais dos processos de significação presentes no texto construído; (iii) elaborar hipóteses sobre os “não-ditos” do objeto discursivo analisado, levando-se em conta que “há sempre no dizer um não-dizer necessário” (ORLANDI, 2015, p. 82); (iv) identificar as posições subjetivas e os processos de produção de sentido que surgem das articulações entre os “ditos” e os “não-ditos”; (v) analisar as posições subjetivas e os processos de produção de sentido de acordo com o referencial psicanalítico, principalmente com o conceito de repetição.

4 ANÁLISE DO FILME “BRILHO ETERNO DE UMA MENTE SEM LEMBRANÇA”

Neste quarto capítulo, trata-se de propor uma análise do filme “Brilho eterno de uma mente sem lembrança” (*Eternal Sunshine of the Spotless Mind*), lançado em 2004, dirigido por Michel Gondry, com o roteiro produzido por Charlie Kaufman sob o ângulo das reflexões realizadas nos capítulos anteriores.

O enredo principal do filme é o romance entre Joel (Jim Carrey) e Clementine (Kate Winslet), um casal que namora e que está vivenciando um relacionamento conturbado. Joel fica inconformado quando descobre que Clementine utilizou-se dos serviços da clínica "Lacuna", nome da empresa que oferece o serviço de apagamento de lembranças. Diante disso, ele procurou a clínica, a qual pertence ao Dr. Howard Mierzwiak (Tom Wilkinson), criador e realizador do processo de apagamento de memórias por meio de vias neurológicas e decide acabar com seu sofrimento e fazer o mesmo que Clementine: apagá-la da sua mente. No entanto, quando o procedimento começa a ser realizado, e Joel percebe que as recordações de Clementine estão sumindo, ele se dá conta de que prefere que as lembranças não sejam apagadas.

A palavra “Lacuna” remete, entre outros, aos termos “espaço vazio, vão, falta e omissão” (BUENO, 2007). Lembremo-nos de que é a existência dos fenômenos lacunares que permite a investigação psicanalítica acerca do inconsciente (GARCIA-ROZA, 2009).

Os fenômenos lacunares (o sonho, o lapso, o ato falho, o chiste e os sintomas), além de produzirem a descontinuidade no discurso consciente, são acompanhados por um sentimento de ultrapassagem, o que faz com que o sujeito se sinta invadido por outro sujeito que ele próprio desconhece, mas que o domina e o impõe a atos que lhe escapam o sentido (LACAN, 1964/2008). E é aí que a psicanálise se funda, na constatação de que existe, nas lacunas, algo que pode ser lido e interpretado, na medida em que os “vãos”, as “faltas” e as “omissões” no discurso demarcam o lugar do Outro a quem o sujeito está subordinado (GARCIA-ROZA, 2009).

Nesse sentido, podemos articular o significado da palavra Lacuna com o serviço prestado pela empresa: o de deixar falhas na memória. Essas falhas, assim

como os fenômenos lacunares, “são indicadores de uma outra ordem” (GARCIA-ROZA, 2009, p.173), a ordem do inconsciente.

A *Carta 52* de Freud (apud LAGOAS, 2016, p.117) aponta que a memória não é apenas um sistema de registros das experiências que o sujeito tem, mas um complexo fenômeno, que se dá por um “processo de estratificação”, e que está sujeito a “transcrições”, “retranscrições” e “rearranjos”. É como se a cada vez que a lembrança ocorresse, houvesse a retranscrição do traço. A memória, segundo a *Carta 52*, “não se faz presente de uma única vez”, sendo, assim, pensada como um sistema de várias camadas.

Nesse sistema, quando um traço não consegue ser transcrito para uma camada subsequente, ele regride para uma fase anterior e começa a funcionar de acordo com os princípios da lógica precedente. É importante destacar que a memória aqui retratada é de natureza fundamentalmente inconsciente, uma vez que é a que basicamente Freud se interessa (LAGOAS, 2016, p.117).

4.1 Memória e os clichês

É em função dessa lógica de regressão que a repetição se institui. Na medida em que o aparelho psíquico não pode retranscrever um determinado traço de memória, ele começa a repetir-se com base nas escolhas que têm a ver com os clichês. Relacionado a esse contexto, em um determinado trecho do filme (3’3”), Joel está na praia, brincando com a areia, quando avista Clementine caminhando. Percebe-se que, desde então, um chama a atenção do outro. Pouco depois, eles tornam a se encontrar na cafeteria. Nessa ocasião, ela o cumprimenta e Joel mostra-se surpreendido pelo interesse correspondido, fazendo uma pergunta a si mesmo:

Joel: Porque me apaixono por todas as mulheres que vejo que me dão um mínimo de atenção?

Podemos perceber que Joel se dá conta de que as suas escolhas amorosas seguem sempre um mesmo modelo: todas as mulheres que dão um mínimo de atenção a ele. Tal constatação pode ser justificada, segundo o que Freud (1912/2010)

escreveu em *A dinâmica da transferência*, pelo fato de que os relacionamentos amorosos se assemelham a modelos estruturados a partir das disposições inatas e de influências herdadas dos primeiros anos de vida.

Essa dinâmica de funcionamento do psiquismo de que as escolhas amorosas seguem um determinado modelo, construído com base nos elementos aqui indicados, produz o que Freud chamou de “clichê”, o qual é repetido constantemente na vida do sujeito. É basicamente isso que demonstra o questionamento de Joel. Aparentemente, ele está repetindo um tipo de “clichê” construído anteriormente.

4.2 Memória e *Unheimlich*

Na estação de trem (4’21”), eles se envolvem em um jogo de olhares, até o instante em que ela acena para ele, que, visivelmente constrangido, após um tempo, retribui. No trem, ao regressar, eles tornam a se reencontrar. Seria coincidência? Por que os caminhos dos dois se cruzam reiteradamente? Enfim, dentro do trem, eles começam um diálogo e descobrem que vão para o mesmo lugar. Então, Clementine pergunta para Joel (5’23”):

Clementine: Eu te conheço? Você compra na Barnes & Noble?
 Joel: Claro.
 Clementine: É isso.
 Joel: É.
 Clementine: Eu já te vi cara. Eu já sou escrava de lá a uns 5 anos.
 Joel: Ohhhh
 Clementine: Caramba.
 Joel: Acho que eu ia me lembrar de você.
 Clementine: São cinco anos. Pode ser o cabelo.
 Joel: O que pode ser?
 Clementine: Eu mudo muito, a cor, talvez por isso você não me reconheça.
 Chama ruína azul.
 Joel: Legal.

Nessa cena, entendemos que, mesmo eles não se recordando de conhecerem um ao outro, sentem como se já se conhecessem. Essa situação pode nos levar a pensar no *Inquietante (Unheimlich)* de Freud (1919/2010). Podemos refletir a respeito do sentimento de familiaridade diante do que é estranho, ou de estranheza diante do

que é (ou deveria ser) familiar. Alguma coisa que se repete sem que se saiba o que se está repetindo, o que traz uma sensação de estranheza, mas ao mesmo tempo, justamente por comportar algo do repetido, traz algo de familiar.

Na sequência, eles terminam o trajeto com vários diálogos, que de vez em quando apontam para alguma “falha” nas lembranças deles. Como por exemplo, no momento em que Clementine faz uma referência a ‘Dom Pixote’ e, vendo que Joel não ‘conhece’, fala que “é estranho, uma vez que todo mundo conhece esse desenho”. Ao final do dia, mostram-se um casal apaixonado. Essas são as primeiras cenas do filme.

Paralelo à história de Joel e Clementine, desenrola-se uma trama envolvendo a secretária Mary e o Dr. Mierzwiack, dono da empresa Lacuna. Mary (Kirsten Dunst) é apaixonada pelo Dr. Mierzwiack, mas não sabe que já teve suas lembranças apagadas por ter, no passado, um relacionamento com o médico casado. Podemos tomar as atuações de Mary como uma insistência do inconsciente, e aqui surge o paradoxo vivido por ela: após o apagamento, ao invés de trilhar um caminho diferente e viver uma nova vida, ela foi atraída pelos resíduos de suas lembranças apagadas.

4.3 A relação intrínseca entre o funcionamento da memória e as estratégias narrativas do filme

A narrativa que até este momento seguia um desenrolar cronológico, dá lugar a uma construção não-linear. O filme adota uma estratégia de narrar o relacionamento de Joel e Clementine a partir das memórias mais recentes de Joel. A história passa, então, a apresentar um entrelaçamento entre passado e presente. Isso converge com a própria maneira de compreender o fenômeno do amor na psicanálise, pois “o amor parece perturbar a linearidade do tempo: os objetos de amor pretéritos são sempre presentes e determinam quais serão os futuros” (BELO; MARZAGÃO, 2006). O passado se infiltra no presente e se projeta no futuro, e, portanto, rompe com esta lógica de passado-presente-futuro como três instâncias separadas e organizadas de forma linear. Para a psicanálise isso é possível, uma vez que o inconsciente está sempre presente nas relações amorosas.

Outra questão a se pensar é que os modos de se contar uma história - isto é, a narrativa - não são alheios à própria história. Essa lógica não-linear já fala um pouco sobre o funcionamento da memória. Uma das formas de se pensar esta relação de narrativa e acontecimento, quer dizer, que o acontecimento não é independente do modo de narrar, é o próprio fenômeno da transferência. A partir do momento que o paciente se dirige ao analista, o analista passa a integrar esta história da qual o paciente se queixa. O analista não é externo à própria situação: pela transferência e pela repetição, ele é incluído na situação.

4.4 Memória e alteridade

O desenrolar da história nos mostra que Joel e Clementine já namoraram e que romperam após uma grande discussão. Um tempo depois ao término do relacionamento, Joel descobre que Clementine procurou os serviços da empresa *Lacuna* para apagar as recordações do romance dos dois. Seguindo o exemplo de Clementine, Joel decide se submeter ao mesmo tratamento, então, o filme mostra o processo pelo qual ele passou. Em uma conversa com o Dr. Mierzwiack (27:08), Joel é informado da decisão de Clementine:

Dr. Mierzwiack: A senhorita Kruczynski não estava contente, e queria partir para outra, e nós damos esta possibilidade.

A decisão de Clementine de apagar as lembranças do romance mal-sucedido aponta para a colocação de Bauman (1997), em *Ética pós-moderna*, de que os sentimentos dos parceiros não têm mais importância. No amor romântico, há o direito de uma renúncia unilateral em que o outro conta pouco. Essa renúncia implica não apenas ao fim do relacionamento de amor, mas à “insignificância moral do ato, junto com a insignificância moral do Outro agora afastado” (BAUMAN, 1997, p. 126). Nesse sentido, Costa (1998) enuncia que “o amor se tornou episódico e descomprometido com o futuro” (p.139). O que reforça o argumento trazido por Bauman (1997) de que o amor é incerto e inevitavelmente acarreta sofrimento.

4.5 Memória e recalçamento

No processo de preparação para o apagamento das lembranças (31'05”), o Dr. Mierzwiack passa as instruções a Joel, de como funcionará o processo:

Dr. Mierzwiack: Começaremos com suas lembranças mais recentes e voltaremos a partir daí, mais ou menos. Há um núcleo para cada uma de nossas lembranças e quando se erradica esse núcleo, começa o processo de degradação. Assim, quando acordar pela manhã as lembranças que tiveram selecionado como alvo, terão secado e desaparecido, como num sonho depois de acordar.

Podemos notar aqui que o apagamento das lembranças de Joel se assemelha a um processo de recalçamento. No momento em que o Eu rejeita uma representação inconciliável, e, por não poder suprimi-la, acaba recalçando-a (FERREIRA, 2004). É exatamente isso que acontece com Joel, pois ele não suporta a dor da perda de Clementine, e decide apagá-la. No entanto, o processo do Dr. Mierzwiack retira as lembranças da “consciência”, deixando-as no inconsciente.

Em *O mecanismo psíquico do esquecimento*, Freud (1898/1980) discorre sobre o importante papel desempenhado pelo recalçamento no processo de esquecimento, na dificuldade de recordação e nas falsas lembranças. Para que a lembrança seja despertada, é preciso muito mais do que apenas a constituição psíquica do indivíduo. É necessária uma “atitude favorável ou desfavorável de um dado fator psíquico que se recusa a reproduzir qualquer coisa que possa liberar desprazer, ou que possa subsequentemente levar à liberação de desprazer” (p. 602).

Assim, a memória está à disposição das restrições impostas pelo recalçamento. Por isso, as pessoas históricas, não é que elas não sabem, no fundo elas não querem saber (FREUD, 1898/1980). O que significa dizer que o fenômeno psíquico da memória encontra-se, de parte a parte, atravessado pela dimensão do desejo inconsciente.

Se articularmos a cena relatada acima com a outra descrita no início desse capítulo (5'23”), na qual eles sempre estão com a sensação de já terem se conhecido, podemos inferir que o processo descrito pelo Dr. Mierzwiack justifica a sensação de familiaridade dessa Outra Cena. O que o médico propõe é fazer com que as memórias desapareçam. No entanto, as lembranças, mesmo quando apagadas, permanecem

de alguma forma. A ideia é que as lacunas deixadas pelo apagamento das lembranças na consciência apontam para a existência de um Outro, exterior à ordem intrapsíquica, mas que a constitui.

Já com o processo em andamento, Joel parece estar consciente do que está acontecendo, pois consegue ouvir os sons que estão à sua volta. Começa então a ver todas as suas lembranças como em um sonho, porém, percebe que elas estão desmoronando e, conseqüentemente, se apagando. Enquanto revive as suas lembranças, Joel se dá conta de que quer manter as boas lembranças e, então, começa a lutar contra o processo de apagamento.

O processo termina com a cena do dia em que Joel e Clementine se conheceram. Neste momento, ele consegue modificar as suas lembranças e fazer diferente do que fez na situação original. Ao invés de Joel ir embora sem se despedir, Clementine propõe inventar um adeus, e, assim, nessa nova lembrança, Clementine lhe diz (90'53"):

Clementine: Me encontre em Montauk.

No início do filme, Joel subitamente resolve faltar ao trabalho e, sem saber o porquê, se dirige à Montauk (1'54"):

Joel: Hoje faltei ao trabalho. Peguei um trem para Montauk. Não sei por quê. Não sou uma pessoa impulsiva.

A modificação da lembrança de Joel, na qual eles criam uma despedida, deixa um rastro inconsciente na memória dele. Podemos relacionar essas cenas com a reflexão apontada por Dimenstein (2000), para quem o sujeito não é autônomo e senhor de si como imagina. Para a autora, suas ações são impulsionadas por influências que o sujeito desconhece. É o inconsciente que determina as suas motivações e ações.

Desse modo, o que prevalece é o desejo inconsciente do sujeito. Isso se torna evidente quando Joel afirma não saber o motivo, mas que uma força que ele não conhece o impeliu a ir à Montauk. Como consequência desse desejo inconsciente, nesse segundo momento da história, Joel reencontra Clementine e a história de amor entre eles se repete, sem eles o saibam.

Por fim, percebemos que o paradoxo vivido por Joel e Clementine é que, após o apagamento, em vez de trilharem caminhos divergentes e viverem uma nova vida, eles são atraídos pelas lembranças que acreditavam ter abolido. Ao final do filme, Clementine e Joel recebem uma carta de Mary (a secretária da empresa "Lacuna") contando sobre o processo de apagamento da memória. Nesse momento, eles percebem que já tinham se conhecido antigamente e que houve um apagamento um da mente do outro. Junto à carta, havia uma fita cassete que tinha como conteúdo tudo que eles pensavam um sobre o outro. Ainda assim, frente às novas informações, eles decidem passar por cima das mágoas e tentar viver o relacionamento amoroso mais uma vez.

As cenas analisadas neste trabalho nos ajudam a pensar as temáticas e os conceitos aqui apresentados. O filme é de uma excelência no que se refere a ilustrar as vivências e os conflitos que o laço amoroso contempla. Joel e Clementine estão diante do paradoxo que envolve os encontros amorosos: há uma dificuldade em delimitar os ideais individualistas de autonomia, e a necessidade de viver a dois, administrando desejos em comum, projetos, e o reconhecimento de uma possível dependência do outro.

Além disso, com relação à escolha amorosa, o filme pode ser entendido como uma metáfora, como uma narrativa sobre a repetição. As cenas descrevem aquilo que Lacan (ano) denominou de "encontro com o real", a *Tiquê*, que constitui o cerne de nossa singularidade e de nossos desejos. No início do filme, quando Joel e Clementine se (re)conhecem, as cenas demonstram o que Fink (1997, p. 241) nos traz: "a repetição envolve algo de que, por mais que se tente, não se consegue lembrar". Não é simplesmente o retorno de uma representação, ou de uma imagem, existe algo que compele o psiquismo a repetir, que é justamente a repetição no nível do real e que está relacionado com a pulsão de morte.

CONCLUSÃO

Diante do objetivo de investigar a temática da liberdade no campo das escolhas amorosas, bem como o que o conceito de repetição traz para o debate das possíveis articulações entre o novo e o antigo no processo de constituição das escolhas amorosas do sujeito, as reflexões apresentadas no decorrer deste trabalho foram desenvolvidas na tentativa de responder de alguma forma aos problemas de pesquisa que são: de que maneira o novo e o antigo se articulam na constituição das escolhas amorosas do sujeito? Em que sentido é possível pensarmos o problema da liberdade – e mais especificamente das escolhas amorosas – no contexto do fenômeno da repetição? Para isso, além do conceito de repetição, a concepção de memória foi escolhida e articulada às noções psicanalíticas de “clichês”, “*Unheimlich*” e “recalcamento”.

O primeiro capítulo abordou as transformações ocorridas no amor nas culturas ocidentais. Trouxemos, como ponto de partida, a concepção apresentada pela mitologia grega, representada pelas várias versões atribuídas a Eros, um dos deuses do amor. Em seguida, vimos que o amor se adequou às necessidades sociais, culturais e ideológicas de várias sociedades. Nesse sentido, destacamos o amor platônico como algo bom, belo e verdadeiro; o amor no cristianismo que tem o objetivo de proporcionar a salvação; o amor cortês que é caracterizado pelo desejo insatisfeito e a valorização do sofrimento; e o amor romântico que era um pré-requisito para a autorrealização pessoal.

Seguindo na conceitualização acerca do amor, investigamos o que a teoria Freudiana nos apresenta sobre esse tema. Vimos que Freud (1910/2013), em *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem*, baseado na sua prática analítica, procurou descrever alguns tipos de escolha de objeto amoroso e apresentar algumas condições amorosas necessárias ao amor.

Em seguida, ao discorrer sobre as transformações da noção de liberdade, procuramos evidenciar, a partir da ideia de autonomia, que esse conceito é uma questão central na modernidade. Caracterizada pela oposição às ideias de tradição e hierarquia, a modernidade traz a valorização da autonomia. O homem da modernidade é aquele que cria suas próprias leis baseadas na sua vontade e razão.

Já de acordo com a teoria freudiana, verificamos que existe um determinismo psíquico inconsciente que aponta que o sujeito não é tão livre assim, uma vez que o inconsciente restringe a liberdade consciente do sujeito.

Tentando analisar as articulações inconscientes entre escolhas amorosas, liberdade e amor, seguimos no segundo capítulo com a introdução do conceito de repetição. Percebemos que uma das formas que a repetição se manifesta nas escolhas amorosas é por meio dos “clichês”, os quais são determinados modelos construídos a partir das disposições inatas e de influências herdadas dos primeiros anos de vida (FREUD, 1912/2010). Em 1914, Freud considerou o fenômeno da repetição como um processo inconsciente. Vimos que a partir do artigo *Recordar, repetir e elaborar* (FREUD, 1914/2010), a preocupação de Freud vai além da dimensão representacional, repetir não é simplesmente repetir um determinado conteúdo, há algo no inconsciente que se repete que não tem representação. Em 1920, com o *Além do princípio do prazer*, há uma virada na teoria e o fenômeno da repetição aparece como força pulsional, é algo da ordem da compulsão, da pulsão de morte.

Por fim, o terceiro capítulo foi destinado à análise do filme “Brilho eterno de uma mente sem lembrança” (GONDRY, 2004). A partir do momento em que fomos, por meio da análise de cenas do filme, investigando as relações entre repetição, amor e liberdade, o tema “memória” apareceu. Verificamos que a memória é um importante eixo da discussão sobre a repetição. Tratou-se, para nós, de mostrar que a repetição se institui em função da lógica das retranscrições da memória e, assim, pudemos relacioná-la (a memória) aos clichês, ao recalçamento e ao inquietante (*Unheimlich*), além de apontar como esses fenômenos são importantes no processo de constituição das escolhas amorosas.

É preciso reconhecer que, embora esse trabalho tenha se concentrado no campo do amor, da liberdade e da repetição, devido à complexidade dessas questões e à de seus desdobramentos, não se esgotam todos os aspectos envolvidos neste estudo. Como desdobramento, nos parece oportuno para futuras discussões: as implicações da ruptura com a memória e com o futuro, visto que, na pós-modernidade, nota-se tanto uma ruptura com a tradição, quanto um descompromisso em relação ao futuro e, com isso, pode-se entender melhor a exacerbação do individualismo, porque

se o indivíduo não pode mais sentir-se coletivamente unido aos outros pelo seu passado, nem por ter um projeto comum, o que resta é o indivíduo “solto”.

Pensar o indivíduo “solto” nos faz refletir sobre quais são os horizontes em que se coloca hoje a questão do amor. Para nós, o indivíduo solto é um sintoma da ruptura do laço social, e amar é construir laços. Para Herzog (2004), o estabelecimento do laço social está baseado no compromisso entre “a renúncia pulsional e o investimento libidinal” (p. 46), e o que se vê hoje, no que diz respeito às relações amorosas, é que cada vez menos as pessoas estão dispostas a negociar, a sustentar os incômodos que o outro traz, e assim sustentar a existência do outro também.

Essa ideia pode estar relacionada com a própria origem da psicanálise com Freud, que é dar lugar à fala do sujeito, e assim trazer à cena a sua história e a do seu desejo, e como isso está associado à capacidade da simbolização das experiências. No mundo contemporâneo, de alguma maneira, o que se vê é um empobrecimento dessa capacidade de simbolização, e, com isso, uma visão por parte das novas gerações do amor como algo ultrapassado que as pessoas não estão dispostas a vivenciar. Isso tudo tem como consequência, por exemplo, a dificuldade de lidar com perdas e a melancolia, o que nos ajuda a pensar porque as depressões têm se tornado uma forma de sofrimento psíquico cada vez mais característica das relações humanas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leonardo Pinto de; ATALLAH, Raul Marcel Figueiras. O conceito de repetição e sua importância para a teoria psicanalítica. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 203-218, dez. 2008.

ALMEIDA, Rogério Miranda. **Nietzsche e Freud: eterno retorno e compulsão à repetição**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicol. cienc.**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 70-77, jun. 2002.

ÁVILA, Lazslo Antonio. Psicanálise e mitologia grega. **Pulsional Rev. de Psican.** Anos XIV-XV, n. 152-153, p. 7-18, nov. 2001.

BARBOSA NETO, Esperidião. **O conceito de repetição na psicanálise freudiana: Ressonâncias clínicas na re-elaboração simbólica do repetido**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2010.

_____. **A repetição na psicanálise e suas repercussões clínicas com o aporte do conceito de repetição em Kierkegaard**. Tese (Doutorado em Psicologia). Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética Pós-Moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

BELO, Fábio Roberto Rodrigues; MARZAGÃO, Lúcio Roberto. **Sobre o amor**. Disponível em: <<http://www.revistapercurso.uol.com.br>>. Acesso em: 6 out. 2018

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega: volume I**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRAZ, Ana Lúcia Nogueira. Origem e significado do amor na mitologia greco-romana. **Estud. Psicol.**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 63-75, mar. 2005.

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTB, 2007.

CAROPRESO, Fátima; SIMANKE, Richard Theisen. Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia freudiana. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 207-224, dez. 2006.

COSTA, Germano Quintanilha; GOMES, Gilberto. Considerações sobre a causalidade psíquica e a escolha na Psicanálise. **Psic. Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 33, p. 1-9, set. 2017.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CUCHET, Violaine Sebillotte. Cidadãos e cidadãs na cidade grega clássica. Onde atua o gênero?. **Revista Tempo**, Paris, v. 21, n. 38, p. 281-300, mai. 2015.

DIMENSTEIN, Magda. A cultura profissional do psicólogo e o ideário individualista: implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde. **Estud. Psicol.**, Natal, v. 5, n. 1, p. 95-121, jun. 2000.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FERREIRA, Nadiá Paulo. **A teoria do amor**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006.

FIGUEIREDO, Luís Claudio Mendonça; SANTI, Luiz Ribeiro. **Psicologia, uma (nova) introdução: uma nova visão histórica da psicologia como ciência**. 3 ed. São Paulo: EDUC, 2008.

FINGERMANN, Dominique. Repetição e experiência psicanalítica. In: FINGERMANN, Dominique. (Org.). **Os paradoxos da repetição**. São Paulo: Annablume, 2014, p. 163-196.

FINK, Bruce. **A causa real da repetição**. In: FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce; JAANUS, Maire. *Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 239-248.

FREUD, Sigmund. (1898). **O mecanismo psíquico do esquecimento**. In: *ESB*, volume II. Rio de Janeiro: Imago, 1980, p. 598-603.

_____. (1901). **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana**. In: *ESB*, volume VI. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 277-332.

_____. (1907). **O esclarecimento sexual das crianças**. Obras Completas, volume 8. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 314-324.

_____. (1910). **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem**. Obras Completas, volume 9. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 334-346.

_____. (1912). **Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa**. Obras Completas, volume 9. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 347-363.

_____. (1912). **A dinâmica da transferência**. Obras Completas, volume 10. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 133-146.

_____. (1912). **Recomendações ao médico que pratica a psicanálise**. Obras Completas, volume 10. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 147-162.

_____. (1914). **Recordar, repetir e elaborar**. Obras Completas, volume 10. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 193-209.

_____. (1914). **Introdução ao narcisismo**. Obras Completas, volume 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 13-50.

_____. (1915). **Observações sobre o amor de transferência**. Obras Completas, volume 10. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 210-228.

_____. (1919). **O inquietante**. Obras Completas, volume 14. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 328-376.

_____. (1920). **Além do princípio do prazer**. Obras Completas, volume 14. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 161-239.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Acaso e repetição em psicanálise**: uma introdução à teoria das pulsões. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

_____. **Freud e o inconsciente**. 24.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GAZOLLA, Rachel. A Grécia e nós: acerca da alma, da liberdade, da individualidade. **Hypnos**, São Paulo, n. 5, p. 91-101, 1999.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Unesp, 1993.

GIGON, Olof. **O conceito de liberdade no mundo antigo**. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/notand10/gigon.htm>>. Acesso em: 8 set. 2018.

GONDRY, Michel. **Brilho eterno de uma mente sem lembrança**. EUA: Filme, 2004. Título original: *Eternal sunshine of the spotless mind*.

GREEN, André. Compulsão à repetição e o princípio do prazer. **Rev. bras. Psicanál.**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 133-141, dez. 2007.

HELLER, Ágnes; FEHER, Ferenc. O pêndulo da modernidade. **Tempo Soc.**, São Paulo, v. 6, n. 1-2, p. 47-82, dez. 1994.

HENDERSON, Guilherme Freitas. **A impotência sexual na obra de Freud**. 105f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

HERZOG, Regina. O laço social na contemporaneidade. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 40-55, set. 2004.

IRIBARRY, Isac Nikos. O que é pesquisa psicanalítica?. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 115-138, jun. 2003.

KUSS, Ana Suy Sesarino. **Amor, desejo e psicanálise**. Curitiba: Juruá, 2015.

LACAN, Jacques. (1957-1958). **Seminário Livro 05: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. (1964). **Seminário Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. (1972-1973). **Seminário Livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

LAGOAS, Juliano Moreira. A ética dos prazeres em Aristóteles: uma análise a partir da *História da sexualidade*, de Michel Foucault. **Mal estar e Sociedade**, Barbacena, n. 10, p. 125-147, jun. 2013.

_____. **Epistemologia, Psicanálise e Políticas do Sofrimento Psíquico**. Projeto de pesquisa do Programa de Mestrado em Psicologia UniCeub ICPD. Brasília, 2017.

_____. **O problema da percepção na psicanálise de Freud a Lacan**. Tese (Doutorado em psicologia clínica e cultura). Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

LOPES, Maria Madalena de Freitas. **Conceito de amor em psicanálise**. São Paulo: Centauro, 2009.

MILLER, Jacques-Alain. **Uma conversa sobre o amor**. Opção Lacaniana online nova série, ano 1, n. 2, jul. 2010. ISSN 2177-2673. Disponível em: <<http://www.opcaolacaniana.com.br/nranterior/numero2>>. Acesso em: 6 out. 2018.

NASIO, Juan-David. **Porque repetimos os mesmos erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2015.

_____. Michel Pêcheux e a análise de discurso. **Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista, n.1, p. 9-13, jun 2005.

PENA, Breno Ferreira. As vicissitudes da repetição. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 29, n. 54, p. 83-87, set. 2007.

PRETTO, Zuleica; MAHEIRIE, Kátia; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Um olhar sobre o amor no ocidente. **Psicol. Estudo**, Maringá, v. 14, n. 2, p. 395-403, jun. 2009.

RAVANELLO, Tiago; MARTINEZ, Marisa de Costa. Sobre o campo amoroso: um estudo do amor na teoria freudiana. **Cad. Psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 29, p. 159-183, dez. 2013.

RENAUT, Alain. **O indivíduo: reflexão acerca da filosofia do sujeito**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

RODRIGUES, Gabriela Rocha. **O conceito de amor no Banquete e no Fedro, de Platão, 2014**. Disponível em: <[http:// www.periodicosonline.uems.br](http://www.periodicosonline.uems.br)> Acesso em: 26 ago. 2018.

RODRIGUES JÚNIOR, Otavio Luiz. Autonomia da vontade, autonomia privada e autodeterminação: notas sobre a evolução de um conceito na Modernidade e na Pós-modernidade. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, v. 41, n. 163, p. 113-130, jul. 2004.

ROSA, Miriam Debieux; DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicol. Soc**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 180-188, jun. 2010.

ROUGEMONT, Denis de. **O amor e o ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

SANTOS, Lúcia Grossi. **O conceito de repetição em Freud**. São Paulo: Escuta, 2002.

SILVA, Luciana Rohden. Sobre as causas em Aristóteles. **Intuito**. Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 67-80, jun. 2009.

TOREZAN, Zeila C. Facci; AGUIAR, Fernando. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 525-554, dez. 2011